

Praeiro, peregrino da Terra do Pantanal

Jorge Hessen

Mato Grosso



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Praeiro, peregrino da Terra do Pantanal

Jorge Hessen

Data publicação: 30/11/2020

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 – CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

	Hessen, Jorge, 1951-
H773p	Praeiro, peregrino da terra do pantanal / Jorge Hessen; revisão de Angélica Reis; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto. - Londrina, PR : EVOC, 2020. 141 p. : il.
	1. Mato Grosso (MT)-espiritismo-história. 2. Cuiabá (MT)-centro espírita. 3. Espiritismo. I. Silva Neto, Ana Luísa Barroso da. II. Reis, Angélica. III. Título.
	CDD 133.9 19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

Aristotelino Alves Praeiro, peregrino da Terra do Pantanal.....	6
Acróstico em homenagem a Aristotelino Alves Praeiro.....	7
Traços biográficos do autor.....	9
Palavras iniciais.....	11
I – Falando sobre Mato Grosso.....	14
II – Os primórdios do Espiritismo em Mato Grosso.....	17
III – A importância do convertido juiz.....	28
IV – Breves anotações sobre D'Amour.....	34
V – O peregrino na terra do Pantanal.....	36
VI – O militar na Revolução Constitucionalista de 1932.....	40
VII – Algumas frustrações na carreira militar.....	51
VIII – Um bairro para imortalizá-lo.....	53
IX – Na Secretaria Municipal de Várzea Grande.....	56
X – Na secretaria da capital do estado – Cuiabá.....	58
XI – Nas hostes maçônicas.....	60
XII – A respeito da política.....	63
XIII – Trajetória espírita.....	64
XIV – Considerações sobre Duque de Caxias.....	67
XV – O caminho espírita.....	71
XVI – Sobre os primórdios do Espiritismo em Mato Grosso.....	73
XVII – Em Barão de Melgaço.....	76
XVIII – Em Cidade Branca de Corumbá.....	78
XIX – Em Cuiabá.....	79
XX – Em Campo Grande.....	81
XXI – A propósito das missões.....	84
XXII – Os primórdios da Federação Espírita de Mato Grosso.....	98
XXIII – Lar Espírita “Monteiro Lobato”.....	114

XXIV – Esclarecendo alguns fatos.....	118
XXV – E para concluir.....	126
XXVI – Revista <i>Reformador</i> noticia a sua desencarnação.....	130
XXVII – Sob a caridade do Além (psicografia).....	132
XXVIII – Curriculum de Praeiro.....	136

Aristotelino Alves Praeiro, peregrino da Terra do Pantanal

Aristotelino Alves Praeiro nos remete ao dramaturgo alemão Bertolt Brecht que disse: “há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.” Praeiro foi imprescindível no seu tempo e memorável na lembrança inexaurível do mato-grossense! Era corporalmente de baixa estatura, porém era de superioridade colossal no Espírito. Sua humilde eloquência tinha o ritmo cadenciado de citações moralmente ricas. Era criterioso e pacato simultaneamente, um orador sem magnificências ingênuas e inspirava comportamentos pela conduta elevada. O admirável espírita, alcunhado como “Um Peregrino do pantanal”, viveu santamente no corpo físico e hoje defere voos excelsos no além envolto na brilhante esfera dos Espíritos superiores.



Jorge Hessen

E-mail de contato:

jorgehessen@gmail.com

Acróstico em homenagem a Aristotelino Alves Praeiro

Aristotelino escolheu o mês de maio no ano de mil novecentos e três, quando para voltar à pátria espiritual no dia dezenove do ano de mil novecentos e noventa e três em sua Cidade Verde com seus 90 anos bem vividos!

Raro são os homens que chegaram a esta idade como ele chegou!

Isso nos dá um grande incentivo e ânimo.

Só que falar do

Tenente Praeiro não é fácil, pois a sua vida foi muito intensa e

O risco de sermos lacônico é grande. Porém,

Tomamos a liberdade de até arriscar e de

Estar aqui e agora

Levantando alguns

Instantes de sua vida.

Naturalmente, consignando apenas “flashes”

Ocorridos e conseguidos junto às memórias fotográficas de alguns abnegados companheiros da primeira hora que, gentilmente nos cederam a sua imagem.

Aristotelino, no “silêncio de suas realizações e na

grandeza de sua pequenez”, no dizer de nossa Joanna de Ângelis,

Lavrou com seus exemplos

Vivos a sua própria história.

E nós que aqui hoje estamos, ousamos até em dizer que podemos nos fazer um dos

Seus aprendizes

Peregrino do Pantanal já o intitularam, a fim de podermos

Rememorar seus momentos gloriosos e assim traduzirmos

A nossa homenagem a

Este homem respeitado e querido de muitos, mesmo daqueles que não privaram de sua

Intimidade mas que, ao depararem com suas obras não podem furtar em

Reconhecer que se trata se um Grande Homem!

O que vamos ver a seguir é apenas um lampejo de documentário, mas foi este o modo que encontramos para homenagear o nosso “Peregrino do Pantanal”!!

Autora: Jossilene (de Cuiabá)

Traços biográficos do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância



pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com as experiências da mediunidade por intermédio de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec. Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público em que trabalhou por 40 anos e hoje se encontra aposentado. Foi durante 5 anos, Diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESPE.

Casou aos 26 anos de idade. É pai de cinco filhos, sendo a primogênita uma pessoa com encefalopatia congênita com graves sequelas. Na

maturidade da vida teve oportunidade de ingressar no mundo acadêmico. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UNICEUB (Centro Universitário de Brasília), e Licenciatura Plena de História na UnB (Universidade de Brasília).

Porém, a sua vida espírita nesses 40 anos de Doutrina superou conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro “Praeiro – Peregrino da Terra do Pantanal”. Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava “Luz na Mente”, um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal “União da Federação Espírita” do DE. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita a exemplo de “Reformador” da FEB, “O Espírita” do DF, “O Médium” de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF. Tem a oportunidade de levar a mensagem espírita a alguns municípios do País.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro Hessen (Esposa)

Palavras iniciais

Desde o momento em que pisamos este solo abençoado de Mato Grosso, no ano de 1985, uma coisa palpitou mais forte no peito, e, naquele instante, sentimos que deveríamos escrever alguma coisa sobre o Espiritismo. Face ao forte pendor de deixar registrada a história do movimento espírita mato-grossense, procuramos estreitar contato com o Presidente da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso, senhor Aristotelino Alves Praeiro, homem idealista, circunspecto e de uma irrepreensível conduta evangélica; homem de índole dócil e uma bagagem incomum. Nessa aproximação do peregrino da terra do Pantanal; descobrimos a sua força, sua intrepidez e sua irretocável serenidade; destarte, percebemos que ele seria, ao nosso escopo, um lídimo patrimônio vivo das narrativas necessárias para traçarmos o trajeto da doutrina espírita na terra de Rondon e, como o tempo urgia, não poderíamos perder tempo, até porque ele já contava 85 anos de idade, na época.

Decidimos escrever um livro onde pudéssemos consignar as narrativas do Praeiro sobre o caminhar do Espiritismo em Mato Grosso desde o seu primórdio, bem como a sua própria luta nessa implantação, visto que o consideramos um iniludível archote, inapagável nas íngremes estradas da ignorância humana.

Com o devido respeito ao caro leitor, rogamos licença para descrever a personalidade desse homem. Exaltamos nesse nosso companheiro a conduta estoica

no dia a dia, chegando à severidade consigo mesmo. Para nós ele representa perfeitamente a imagem do cristão disciplinado, austero e extremamente pacífico, porquanto ótimo pacificador.

Praeiro foi daqueles que, antes de exigir a transformação moral de outrem, impôs a si próprio essa indeclinável tarefa caminhando pelo “NOSCE TE IPSUM”, que, no bom português, significa “conhece-te a ti mesmo”, e despertando em nós outros a imperiosa necessidade da reforma interior pelos carreiros do “vença a si próprio”.

Neste preâmbulo, onde palmeamos os escorregadios caminhos dos elogios e “confetes”, estacamos por aqui. Não convém endeusar homens sinceros, muitas vezes travando uma batalha sem tréguas para conquistarem a si mesmos, muito embora, na narrativa das páginas a seguir, aquilataremos melhor quem foi esse mato-grossense que, no dizer do extraordinário tribuno baiano DIVALDO PEREIRA FRANCO, (por ocasião da entrega do título de cidadania mato-grossense ao orador da Bahia): “foi aquele desbravador, altruísta, que padeceu o ridículo, a chacota, a chalaça, a zombaria, mas não esfriou no ideal. Colocou em sua luta constante o marco de uma nova era em nome do Cristo, que está acima de todas as religiões, porque é o amor não amado e não pode conter em lugar nenhum, porque Ele é o continente e não o conteúdo. Desejo repartir essas honrarias com a personalidade singular do nosso querido Tenente Aristotelino Praeiro, este homem bom, doce e suave, cuja presença é um atestado de Cristianismo entre

nós".

Jorge Hessen



*Divaldo Pereira Franco, Aristotelino Praeiro e Manoel Miraglia -
1971*

I - Falando sobre Mato Grosso

Naquele longínquo ano de 1524, Aleixo Garcia, abandonando as terras de Piratininga – segundo alguns historiadores – para adentrar-se pelo Rio Paraguai, vencer 113 cachoeiras e várias corredeiras do Rio Tietê no intuito de chegar às terras do Podoxi, no Peru, fascinado pelos veios auríferos e pelas minas exuberantes de prata, lutou bravamente, visto que estava deslumbrado com a prata, sendo devorado dois anos depois pelos índios, sendo ele o primeiro desbravador das terras nobres de Mato Grosso, aliás, palavra guaporeana que se origina das matas abundantes às margens do Guaporé.

Nesse levantamento histórico, descobrimos as tentativas de Nicolau Barreto para chegar às terras de Mato Grosso, também vencendo grandes montanhas que o separavam dos rios para encontrar as primeiras feitorias e conseguir levar para a escravidão os silvícolas bravios e livres que por aqui viviam. Mergulhando ainda mais nesses levantamentos, verificamos que, em 1622, o extraordinário Manoel Caetano Garcia já rasgava as águas do Rio Cuiabá. Em 08 de Abril de 1719, finalmente aqui se estabelece a pequena feitoria que servia de base para os desbravadores atraídos pelas fartas minas de ouro de Cuiabá, nascendo daí a cidade que deveria representar, mais tarde, o marco histórico de audácia e grandeza, quando Pascoal Moreira Cabral, com toda

justiça considerando o fundador de Cuiabá, ensejou, no ano de 1722, que esta aldeia por ele criada se transformasse no Distrito de Paz em 1º de Janeiro deste mesmo ano, culminando à categoria de Vila em 1727 e, posteriormente, em 1748, passou a ser a Capital de Mato Grosso.

Sabemos que os primeiros espanhóis, também fascinados pelas minas de ouro existentes nas Cordilheiras dos Andes, se atreveram a chegar até as margens do Rio Aquidauana para fomentarem as suas primeiras feitorias e, acresce ressaltar, a coragem daqueles conquistadores oriundos da distante Península Ibérica que, deslumbrados pelo vigente tratado de Tordesilhas, adentraram ainda mais as terras bravias de Mato Grosso, que o cronista de antanho denominava os dois grandes países Mato Grosso e Cuiabá, como verdadeiro desafio para os governantes da Metr pole e da Coroa.



Pascoal Moreira Cabral

Em verdade, quando falamos deste Estado, sentimos a alma rejubilar-se, penetrando nos matagais, nos pantanais, neste celeiro de uma nacionalidade que se candidata a conduzir o destino do Brasil depois que passem as horas de alucinação entre a tecnologia e a ciência. Quanto à “Cidade Verde” que aprendemos a amar profundamente, encontramos nos recônditos das lendas uma tão fascinante como a própria história da nacionalidade brasileira, quando certo português que fazia mineração aqui próximo do Rio da Boa Morte, utilizando-se de uma cuia para retirar água, viu que ela lhe escapulia das mãos e disse ao amigo: - “a cuia bá...” desejando dizer que ela se ia, trocando lusitanamente a letra “u” pela “b”, e nascendo, quiçá, desta lenda para uns, ou ainda para outros de um topônimo de natureza selvagem, o nome desta cidade que é quente, para traduzir o calor humano que por aqui faz morada. Não seria lícito omitir a presença das garças ligeiras do Pantanal, que se levantam tão suavemente, parecendo bailar uma valsa de Strauss no firmamento azulíneo. Lembramos as florestas virgens e suas flores exóticas, enfeitando as belezas das milenares rochas torcidas das Chapadas dos Guimarães ou dos Parecis.

Aqui, em Cuiabá, onde se localiza a Assembleia do Estado, está o marco que registra o centro geodésico de toda a América do Sul, justo na terra que viu Praelo nascer, como se não bastasse o equilíbrio das rochas que varam além-fronteiras.

II

- Os primórdios do Espiritismo em Mato Grosso

Nos albores deste século, chegar a Cuiabá era uma verdadeira proeza, visto que a capital de Mato Grosso estava isolada do resto do País. Para se ter uma pálida ideia das ingentes dificuldades de locomoção do cuiabano na década de dez, quem quisesse ir a São Paulo ou ao Rio de Janeiro tinha que tomar um pequeno navio da Cia Lloyd Brasileiro, descer o Rio Cuiabá, o Rio Paraguai e, finalmente, o rio Paraná, tomando sempre navios maiores, e de Montevideu ou Buenos Aires rumar para Santos ou Rio de Janeiro. Cuiabá, por sua vez, somente recebia os navios do Lloyd de trinta em trinta dias, quando não, até mais dias eram precisos para se ter no porto do Rio Cuiabá uma embarcação de fora. Na época nem telefone, nem telégrafo existiam por estas bandas. Para se receber uma correspondência ou até mesmo jornal somente de mês em mês. Para termos uma noção desse isolamento de Cuiabá, basta citar o fato histórico da Proclamação da República (final do século passado) que, como sabemos, ocorreu em 15 de novembro de 1889 e somente no dia 9 de dezembro a notícia chegou a Mato Grosso, e, nesse interregno, mesmo com o Brasil República, aqui o Império ainda era vigente.

Em 1896, decorridos 39 anos do lançamento de O Livro dos Espíritos, na França 12 anos após a

fundação da FEB – Federação Espírita Brasileira (em 1884 no Rio de Janeiro) a cidade de Cáceres/MT viu surgir, por obra de militares que aportaram àquela cidade, uma pioneira Casa Espírita que seria a precursora do atual Centro Espírita “Mateus”. Em Cáceres, em 30/11/1896, fundava-se o grupo espírita “Fé e Caridade”, cuja diretoria estava constituída por João de Campos Vidal, presidente; Manuel Nunes de Barros, secretário; Júlio Sandeles Palomares, diretor dos trabalhos e Antônio Juliano da Silva, tesoureiro.

Outro núcleo cacerense, denominado “Apóstolos de Cristo e da Verdade”, funcionava na residência da Sra. Maria Guia Bastos, a partir de 1897. Reproduzimos aqui uma nota publicada no periódico espírita “A Luz”, órgão do Centro Espírita de Curitiba, de 15/4/1898, anunciando a criação de um Centro Espírita em São Luiz do Cáceres:

CORRESPONDÊNCIA – De São Luís do Cáceres (Mato Grosso), uma carta do senhor João da Silva, dando-nos a grata notícia de que, desde julho passado [1897], funciona ali um Grupo Espírita com a denominação de “Apóstolos de Cristo e da Verdade” adotando sem discrepância as obras de Allan Kardec. O mesmo confrade pede-nos a remessa de “A Luz” para si e seus consócios. Felicitamos jubilosos o digno Grupo que vai ser satisfeito em seu pedido.

Em 15/03/1900, foi oficialmente fundada a Sociedade Espírita “Antônio de Pádua”, cuja sede provisória era a casa do Sr. José Borba Neto. Seus fundadores foram: Antônio Juliano da Silva, Brasiliiano da Silva Baraúna, Fidêncio José da Silva, Romão da

Integravam a primeira diretoria da instituição, que a partir de 1916, denominou-se Centro Espírita “Mateus”, João de Campos Vidal, presidente; Antônio D’Alencourt Sabo de Oliveira, vice-presidente; Domingos Bezerra, secretário e José Borba Pereira, tesoureiro. Pela importância histórica, registram-se os nomes desses pioneiros.

Descobrimos numa livraria de Cuiabá o jornal “A Verdade – Orgão Spirita” datado de 27 de julho de 1894, impresso na Typographia d’O-Matto Grosso, com 4 publicações mensais. A assinatura do periódico custava 1:000 REIS mensais e o exemplar avulso valia 300 REIS. Os interessados deveriam dirigir-se à casa do senhor José F da Silva Campos, na Rua do Commandante Costa, Cuyabá.

Nesse cenário, bem no começo do século XX, sob a ideia luminosa do incomparável Manoel Viana de Carvalho, foi fundado o Centro Espírita de Cuiabá, em 06 de fevereiro de 1906. Antes de levarmos avante as narrativas do início do movimento espírita mato-grossense, abrimos um parêntese para traçar um rápido perfil do ínclito espírita Viana de Carvalho. Foi Major do Exército e um dos maiores tribunos espíritas do Brasil, destacando-se pela sua eloquência, erudição e destemor na pregação da Doutrina Espírita. Em Cuiabá, bem semelhante ao calor dos trópicos, foi a alma desse novo Demóstenes. Viana de Carvalho nasceu na cidade de Icó (Ceará) no dia 10 de dezembro de 1874, filho do professor da Escola Normal do Ceará, senhor Tomás Antônio de Carvalho, e de D. Josefa Viana de Carvalho. A sua atividade de protagonista da

Doutrina chegou ao ápice quando, saindo do Rio de Janeiro, levou o Espiritismo por todo o Brasil, primeiramente em Porto Alegre onde publicou a sua produção literária intitulada "Facetas", contos e fantasias, livro prefaciado por Carmem bolores que era o pseudônimo da escritora e poetisa Emília Bandeira de Melo. De acordo com o Barão Guilherme Studart, a obra foi muito bem-aceita por todos da imprensa e das hostes literárias. Viana ainda escreveu uma obra bastante enaltecida - "Coloridos e Modulações".

De Porto Alegre, onde fez o 1º e o 2º ano do curso superior na Escola Militar, retornou ao Rio de Janeiro em 1898, reencetando as tarefas de propagador do Espiritismo. Até o ano de 1895 militou no meio carioca. Classificado no 8º Batalhão de Infantaria, em Cuiabá (Mato Grosso), como veremos adiante, estimulou e fundou o Centro Espírita de Cuiabá. Em 1907, mais uma vez retorna ao Rio a fim de matricular-se no curso da Escola de Realengo. Viana frequentava também a Federação Espírita Brasileira, onde era o orador oficial em diversas reuniões comemorativas, quer na própria sede da FEB, quer no salão de honra da antiga Associação dos Empregados do Comércio, ante auditórios sempre repletos de interessados. Como dissemos, do Rio saía, ainda, em numerosas excursões a Minas Gerais, São Paulo, Estado do Rio, Espírito Santo.

Após ter concluído o curso de engenharia militar, embarcou para Fortaleza em 1910. Aí instituiu o Centro Espírita Cearense, criando o jornal "Lábaro", exclusivamente doutrinário, e o "Combate", órgão de

contestação ao clero católico, que acabou desencadeando uma violenta campanha contra o Espiritismo através do “Cruzeiro do Norte”. Viana ainda escreveria sobre a Doutrina nos jornais “A República”, “Jornal do Ceará” e “O Unitário”.

Por imposição do serviço militar, teve ele que seguir para Curitiba (Paraná), onde difundiu, através do Jornal Diário da Manhã, os postulados kardecianos. Em princípios de 1913, Viana de Carvalho foi servir em Maceió (Alagoas) e daí, onde difundiu o Espiritismo por meio do jornal “Correio de Maceió”, partiu para Recife. Novas conferências e outras polêmicas abalaram profundamente os arraiais católicos, e os jornais “A Província” e o “Diário de Pernambuco” veicularam sua robusta fé através de artigos profundamente filosóficos e científicos. Depois de passar por tantas outras capitais, em 1920 voltou ao Rio de Janeiro, onde continuou a sua incansável tarefa de propaganda das ideias espíritas.

Querido e respeitado em todos os meios espíritas, conforme narra Wantuil de Freitas em sua obra “Grandes Espíritas do Brasil”, Viana procurou a unificação dos centros, convocando, para isso, uma reunião de presidentes de agremiações, na Rua Camerino, onde se procurou dar feição nova à prática do Espiritismo, dentro dos moldes da uniformização dos trabalhos e da orientação doutrinária.

Em 1923, seguiu para Recife, organizando e orientando os centros ali existentes, sendo obrigado a entrar em nova e rija polêmica com os representantes do Clero.

Depois, rumou para Fortaleza e daí para Sergipe, para onde fora designado para comandar o 28° B.C., isto em 1924. Sua atividade em Aracaju foi muito grande, com conferências, artigos em jornais, visitas etc., animando sobremaneira o meio espírita aracajuano. Como comandante, tornou-se bastante querido, do soldado raso ao oficial superior. Em 1926, adoeceu gravemente, ficando resolvido seu recolhimento ao Hospital São Sebastião, em Salvador, quando as suas forças não mais lhe permitiam levantar-se do leito.



Formação dos primeiros processos administrativos da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Em maca foi conduzido ao paquete “Íris” por colegas oficiais e alguns praças e pelos Srs. Deputados Macena Peixoto, Dr. Francisco Menezes, Cizídio Marques e outros amigos, tendo vários homens do povo acompanhando o Viana até o trapiche do Lloyd.

Na altura de Amaralina, às 06h30min, o oficial desencarnava a bordo, tendo ao lado o “Gaguinho”, seu dedicado enfermeiro, sendo o corpo sepultado na

Bahia, cremos que em Salvador. Era o dia 13 de outubro de 1926. Militar disciplinado, com reais serviços à pátria e ao Exército Nacional, o Major Manoel Viana de Carvalho - "o Manu", como era tratado na intimidade de seus familiares, ou o "Vianinha" no seio da confraria, foi o grande paladino que fez do Espiritismo a sua bandeira, desfraldando-a por esse Brasil afora e defendendo-a com desassombro e galhardia.

Na imprensa e na tribuna, foi o arauto da boa nova espírita, salientando-se entre os mais destacados propagandistas, não conhecendo cansaço nem recuo. Seus improvisos tribunícios, abrilhantados pelos arroubos do verbo candente que magnetizava e empolgava os auditórios, foram acontecimentos marcantes na história do Espiritismo em nossa terra.



Manoel Viana de Carvalho

“Como bandeirante da ideia, como desbravador de searas” assinalou o “Reformador” – “é força convir que a sua obra doutrinária não tem paralelo no Brasil,

ninguém fez mais nem fez melhor.”

Como dizíamos, Viana de Carvalho foi fundador do Centro Espírita de Cuiabá. Vamos ver como isso se deu. Viana encontrou em Cuiabá, na época, reuniões familiares de espíritas que ocasionalmente ocorriam nas casas do Capitão Pedro Ponce e outras residências como a de D. Nené Pitaluga. Achando que era chegado o momento de se fincar nesse solo mato-grossense um centro espírita, Viana pôs-se a escrever artigos para o Jornal Semanal que circulava na pequena Cuiabá, mas, como a comunidade em sua quase maioria era católica, os artigos não produziram muito efeito, em face do desinteresse dos leitores. Destarte, o major Otaviano Pitaluga, espírita convicto, combinou com o Viana que iria rebater os artigos como se fosse católico. Isso provocou o maior interesse no cuiabano e já nas esquinas e na única farmácia da região se comentava o assunto. Por isso mesmo, quiçá programado pela espiritualidade, aconteceu o que ninguém esperava. O Dr. Luiz Alves da Silva Carvalho, meritíssimo Juiz de Direito de Cuiabá, católico convicto, foi despertado pelo assunto das polêmicas no Semanário circulante e, como proficiente do Catolicismo, se prontificou também a defender sua religião. E, se isso não bastasse, o Dr. Luiz Alves era por duas vezes compadre do Reverendíssimo Arcebispo Dom Carlos Luiz D'Amour. Procurou então seu amigo arcebispo e fez-lhe uma exposição de ideias, propondo-se a defender a doutrina católica e obtendo a anuência de D. Carlos para fazê-lo em nome da arquidiocese.

Acontece que, para ter melhores argumentos e

conhecer um pouquinho do Espiritismo, o Dr. Carvalho, sabendo que o tal Viana tinha livros espíritas para vender como "O Livro dos Espíritos", "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "O Livro dos Médiuns", entre outros, disse ao Arcebispo que iria comprá-los para melhor refutar as suas teses nefastas. Entretanto, a resposta do religioso veio qual relâmpago: - "Meu compadre", disse Amour, "você não pode comprar tais livros e muito menos lê-los, posto que foram sumariamente condenados pela 'Madre Igreja'. Estas obras estão relacionadas no INDEX e não podem e não devem ser lidas por nenhum católico." Nessa conversa amistosa, Dr. Carvalho ponderou: "Mas eu sou Juiz e como vou condenar uma coisa que não conheço? Como vou julgar o mérito de um fato sem conhecer absolutamente nada do assunto? Preciso comprar, ler e estudar esses livros excomungados para sepultá-los definitivamente, mas com o necessário conhecimento de causa."



Capitão Pedro Ponce

Mesmo diante da intransigência dos pontos de vista do Arcebispo de Cuiabá, ainda assim o Juiz de Direito, decidiu por não ceder. Diante da sua

consciência de Magistrado, foi obrigado (pela primeira vez) a desrespeitar a ordem do seu líder religioso. Resultado: comprou alguns livros das mãos do próprio Viana de Carvalho, leu-os todos, julgou-os e tornou-se ESPÍRITA!

Sem dúvida que esse episódio foi um grande triunfo da Doutrina de Allan Kardec, visto que o eminente jurista, compadre do famoso Arcebispo D'Amour, uniu-se aos espíritas de Cuiabá e isso representou um fato de peso na propagação das primícias doutrinárias.

III

- A importância do convertido juiz

Como percebemos, o Dr. Luiz revogou e, por que não dizer, sepultou a retórica impositiva do catolicismo e sabiamente desconsiderou a norma do “Roma locuta, causa finita.” Em outras palavras, a Igreja não detinha a palavra final para as questões da fé. A presença do juiz resultou importante no andamento da documentação do Centro Espírita de Cuiabá, para que a sua legalidade fosse de vez oficializada em 24 de fevereiro de 1911. Essa legalização era necessária tendo em vista a doação do prédio da Galdino Pimentel (antiga Rua de Baixo) pelo abnegado e saudoso Rafael Verlangiere. Ressalte-se que este confrade, prevendo futuras complicações com a família, em face da disputa de herança, inscreveu na própria escritura do centro a venda do prédio pelo valor (fictício) de três mil réis. Assim, o Centro Espírita de Cuiabá “comprou” o prédio e isso foi uma ótima decisão daquele que foi um ardoroso e fiel amigo da causa espírita.

A primeira Diretoria ficou assim composta: Presidente: Dr. Luiz Alves da Silva Carvalho, (o convertido Juiz), Vice-Presidente: Rafael Verlangiere, Secretário: Cypriano Costa Campos e Tesoureiro: João de Deus Leite. Assim, Cuiabá tornou-se a vanguardeira do Espiritismo em Mato Grosso.



Rafael Verlangiere

Posteriormente, o Dr. Carvalho foi promovido à condição de Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso. Porém, isso não obstaculizava as suas participações nas sessões mediúnicas, até por força da circunstância de ele próprio ser médium receitista, audiente e vidente. Sobre ele nos conta ainda o nosso saudoso Manoel Miraglia: “Aprendo muito com ele, que se tornou meu grande amigo, principalmente quando aderi ao Espiritismo.” Ele me contou que, antes de estudar os livros de Allan Kardec, ocorriam com ele fatos inexplicáveis. Quando lutou na Guerra do Paraguai, em certa ocasião ele e um companheiro estavam em um determinado ponto observando o inimigo e, de repente, ouviu uma voz forte e sonora - “pule daí...” Instintivamente obedeceu à ordem e se livrou de uma bala atirada pelos soldados paraguaios, porém o seu amigo foi alvejado e diante do fato lhe perguntou:

- Por que você não pulou também?
- Como eu ia saber que ia vindo uma bala?!
- Você não ouviu um grito pule daí.

- Não ouvi nada e nem tampouco ouviu um grito pule daí.

- Não há ninguém próximo de nós, estamos sozinhos neste ponto; quem poderia ter alertado.

O Dr. Carvalho percebeu que de fato ninguém poderia ter falado ou gritado, mas não soube explicar o episódio. Uma vez convertido ao Espiritismo, o Juiz desenvolveu algumas faculdades mediúnicas como vidência e audiência; era também receitista e passista. Ajudava sempre os pobres, dando-lhes remédios homeopáticos preparados por ele mesmo e colocados nos vidros trazidos pelos próprios beneficiados.

Cerca de quarenta pessoas eram atendidas diária e gratuitamente por ele. Conta-se que as suas faculdades de vidência e audiência eram tão notáveis que muitas vezes o levavam a certos constrangimentos. Certa vez, há muito tempo atrás, em Cuiabá havia um bondinho puxado a burros ligando o centro ao Porto. Na época não havia carros e o preço do bondinho era de duzentos réis. Quando ele tomava o bondinho era comum pagar ao cobrador duas ou três vezes o valor da passagem e o cobrador sempre perguntava: "Para quem o Doutor está pagando a passagem?", e, quando ele indicava as pessoas, ninguém via nada. Outras vezes não entrava no bondinho porque o via lotado e, quando dava por si, percebia que eram apenas visões. Por isso mesmo, quando ele ficava entre pegar o bonde e ficar estacado no ponto, os passageiros (que não sabiam da sua visão) ficavam imaginando que ele deveria ter alguma coisa de anormal.

Eram tão intensas as suas vidências que, à noite ou de madrugada sozinho na sala de estar, todos o ouviam conversar com os espíritos e muita vez até se ouviam as vozes dos desencarnados, porém ninguém via nada, somente o Juiz.

Outro fato digno de ser registrado foi quando Capitão Pedro Ponce dirigia uma sessão e o Dr. Carvalho entrou em transe mediúnico. Passados alguns minutos, Ponce se aproximou do médium e solicitou à “Entidade” presente a manifestação através de uma mensagem de esclarecimento e consolação. Ocorreu que o médium permaneceu mudo e, passado algum tempo, a “Entidade” se manifestou respondendo: “aqui não há entidade nenhuma, sou eu mesmo que estou aqui solto no espaço. Aqui é muito melhor do que aí. Já até fui a São Paulo visitar os meus familiares, não precisei de trem ou de barco para viajar até lá e muito menos paguei qualquer passagem. Aqui é uma delícia, não volto mais para esta prisão carnal e pode encerrar os trabalhos por aí que eu ficarei por aqui mesmo.” Depois de uns trinta minutos, Pedro Ponce apelou para o mentor do grupo e para o “guia” do médium para resolver a questão. O próprio Dr. Carvalho conta sobre o fato: “Naquele instante fui agarrado como um menino fazendo travessuras e o meu ‘guia’ me trouxe de volta ao meu corpo e, como se eu fosse puxado pela orelha, me disse: você não terá mais experiências dessas, e, por causa da minha indisciplina, eu nunca mais me desdobrei.”

Há outro episódio ocorrido na vida mediúnica do Dr. Carvalho que vale consignar. Certa vez estava o

Miraglia sentado ao lado do Juiz numa sessão de receitas homeopáticas psicografadas pelo Dr. Carvalho, quando uma amiga deles, uma mulher de conduta impoluta e bastante rígida em seus preceitos morais, solicitou dos espíritos uma receita para a sua filha que apresentava uma “moléstia esquisita” queria também a diagnose o quadro clínico da donzela. O espírito ditou o remédio e sem rodeios traçou o diagnóstico: “PRENHEZ”. E agora?... Falou baixinho o Juiz ao Miraglia: O que fazemos?

Sabiam ambos que a moça era solteira e, na época, o fato era extremamente melindroso, em se tratando de uma sociedade bastante conservadora. Como entregar uma receita com essas anotações a uma pobre mãe? Ponderando sobre isso o mesmo espírito mandou alterar os dizeres e escrever: “estado duvidoso, sem gravidade.” Meses depois a donzela deu à luz uma criança.

O Dr. Luiz Alves da Silva Carvalho desencarnou com 93 anos de idade e durante tantos anos ele nunca fumou ou bebeu qualquer tipo de bebida alcoólica, lia e escrevia sem óculos. Deixou um rastro luminoso, também plantando a semente do Consolador Prometido nos albores do nosso século XX. Foi soldado da primeira hora, engajado na ciclópica obra do Espiritismo na terra do Pantanal.



Cuiabá em 1919

IV

- Breves anotações sobre D'Amour

Sobre o Arcebispo de Cuiabá sabemos que era nascido na França e desencarnou em idade avançada, abjurando o Espiritismo. D'Amour era de família nobre, era culto e bastante atencioso. Hoje em Cuiabá temos uma igreja que é verdadeiro patrimônio histórico do Estado. Trata-se da Igreja do “Bom Despacho”, idealizada por D'Amour, e por cujas características é uma réplica miniaturizada da famosa Matriz de Paris, a de Notre-Dame.

O informativo “A Cruz” da liga do Bom Jesus publicou o testamento de D. Carlos Luiz D'Amour e um tópico importante cabe assinalar. O casarão em que ele morava era uma doação do Comendador Nunes Ribeiro que o fizera sem nenhuma condição e/ou cláusula restritiva a sua pessoa. No testamento D'Amour disse que poderia deixá-lo à Arquidiocese, que era pobre, porém, ele sabia que os herdeiros do Comendador eram também parcos de recursos materiais, muito embora alguns até fossem formados, e assim deliberou devolver o casarão aos legítimos herdeiros.

Nesse mesmo testamento havia referência da vida particular do Arcebispo D'Amour: “sempre obedeceu à Igreja e tudo o que a Igreja condenou e excomungou foi por ele condenado e excomungado.”

Na verdade, hoje, o ex-Arcebispo da Cidade Verde é espírita e se consagra a coordenar os trabalhos

no campo da mediunidade no plano espiritual, segundo nos afirmou o respeitável Tenente Praeiro.



D. Carlos Luiz D'Amour

V

- O peregrino na terra do Pantanal

Aristotelino Alves Praeiro nasceu dia 1º de maio de 1903, na Avenida XV de novembro, no bairro do Porto, Cuiabá, filho de Manoel Alves Praeiro e Joana de Vasconcelos Praeiro. Sobre a sua infância conta-nos ele mesmo: "Recordo-me que, em casa, a apreensão era generalizada devido à Revolução liderado por Antônio Paes de Barros, Totó Paes, como o chamavam, contra Generoso Ponce. Este acontecimento ocorreu entre os anos de 1906 e 1907, quando contava três anos de idade. Na época, meu pai servia na Marinha, cujo Quartel se localizava na atual Praça Albuquerque, junto à ponte Júlio Muller. Meu pai, juntamente com o corpo de aprendizes de marinheiros, foi transferido para a cidade de Ladário em 1907 ou 1908 e logo após, em 1909 (não me lembro bem), meu pai desencarnou, o que forçou a nossa família a retornar a Cuiabá. Logo em seguida, era a minha mãe chamada para o plano espiritual, tornando-me órfão aos nove anos de idade. Diante de tal circunstância, e na impossibilidade de nossa tia Jaquécina de Vasconcelos Brasil, irmã de minha mãe, tornar-se a nossa tutora, foi então designado o meu tio Américo Brasil, esposo de Jaquécina, para tutelar todos os meus irmãos. Fiquei em poder de minha avó, Mariana de Vasconcelos.

Em 1909, fiquei em poder da tia Jaquécina que, nessa ocasião, morava na cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo (hoje Leverger). Com ela permaneci até o

ano de 1917, período em que conclui o meu curso primário.

Com a desencarnação da minha mãe, a minha infância tornou-se muito difícil, não tinha as carícias de meus pais, vivia nos estudos e no trabalho. Tia Jaquecina não me poupava em nada, era profundamente rigorosa e enérgica comigo. Momento de recreação não havia para mim. Hoje agradeço a Deus a tia que me concedeu por se constituir ela uma disciplinadora implacável. Na verdade, os quatro anos que passei com meus tios foram o suficiente para eu palmilhar pelos seguros caminhos do trabalho e do estudo. Em fevereiro de 1917, abandonei o lar dos meus tios e retornei para Cuiabá. Por eu ainda ser menor e meu tio ser o meu tutor, resolveu providenciar o meu retorno ao seu lar e, para eu não voltar a Santo Antônio, abriguei-me na fazenda do Machado, próxima ao Distrito da Guia, cujo proprietário era o General Afonso Pinto Oliveira.

Como fui abrigar-me nessa fazenda? Bem, quando cheguei a Cuiabá fui-me hospedar na casa de Dona Mariquinha, parente de tia Jaquecina, e ela estava de viagem marcada para essa fazenda juntamente com o filho do General que me convidou para ficar. Ante esse convite, fiquei na fazenda por dois anos.

No início de 1919, regressei a Cuiabá preocupado com os meus estudos, haja vista terem-se passado dois anos. Novamente procurei os meus tios que me receberam de braços abertos. Naquele tempo, contava eu 16 anos e o meu tio era o diretor do grupo escolar

da cidade de Poconé e minha tia Jaquecina me sugeriu ir procurá-lo. Segui para Poconé disposto a estudar e trabalhar. Contudo, em meio ao trajeto, encontrei um homem de nome Manoel, residente numa localidade chamada Guanandi, próxima a Poconé e juntamente comigo estava Otaviano Nogueira, ambos viajando com o mesmo objetivo.

Manoel nos fez uma proposta interessante. Convidou-nos para estabelecermos uma escola em sua fazenda, cujo objetivo era instruímos umas cinquenta crianças das adjacências e que nos pagaria cinco mil réis por aluno, fornecendo-nos alimento e moradia gratuitos. A proposta era interessante, porquanto irresistível e aceitamos. Ao invés de irmos para Poconé nos dirigimos para Guanandi. Decorridos alguns meses, poucas crianças nos foram apresentadas, na verdade não mais de meia dúzia de alunos, devido ser o período de colheita do arroz, em que as crianças eram aproveitadas para esse trabalho, razão pela qual não compareciam às aulas.

Diante do insucesso, como precisava trabalhar, tive que me sujeitar à convivência árdua com o pobre lavrador, onde aprendi a manejar foice, machado, enxada, aliás, experiência de superlativa utilidade a minha alma. Decorridos quatro meses, resolvemos retornar à capital e, nesta volta, juntamente com o Otaviano, decidimos pousar na fazenda do Ventura, local farto, com vida comercial, cujo proprietário, Sr. Paulo Ventura, convidou o Otaviano para alfabetizar sua filha, ficando eu, nesta conjuntura, obrigado mais uma vez a enfrentar o duríssimo trabalho da lavoura

para poder sobreviver. Sentindo que a situação não se revertia, pelo contrário se agravando mais e no incontrolável desejo de retornar aos estudos, finalmente decidi por meu retorno a Cuiabá, voltando a residir com a tia Jaquécina. Reiniciei os meus estudos com o tio Américo, agora já em Cuiabá, e com meu primo Temístocles Brasil, que era quintanista do Liceu Cuiabano.

VI

- O militar na Revolução Constitucionalista de 1932

Em 1º de novembro de 1922, Praeiro se incorporou às fileiras do Exército Nacional voluntariamente. Em março de 1923, a 1ª Cia, na qual servia no 16º batalhão de Caçadores, foi convocada a guarnecer as fronteiras do Brasil com o Paraguai na cidade de Ponta Porã. O deslocamento para esta cidade foi extremamente extenuante, ora pelo Rio Cuiabá, ora por via-férrea, e, finalmente, sobre pesados caminhões pelas íngremes estradas do Sul do Estado. A tropa permaneceu em Ponta Porã até dezembro de 1923. No retorno a Capital de Mato Grosso, o jovem Aristotelino estava prestes a dar baixa da caserna, contudo, como não conseguiu emprego, decidiu ficar nas fileiras militares, engajando-se por mais dois anos, período esse em que deu continuidade a seus estudos através da orientação de professores particulares. Passado um ano após a missão militar levada a efeito no Sul de Mato Grosso, fez o Curso de Cabo, conseguindo o 2º lugar na classificação geral do curso.

Em Janeiro de 1924, irrompeu uma revolução no Estado de São Paulo, liderada pelo General Isidoro Dias Lopes e, mais uma vez o Batalhão de Caçadores teve de ser acionado rumando para o Sul do Estado com o objetivo de rechaçar a invasão iminente dos revoltosos que já rumavam para cá. A 1ª Cia, onde servia o

intrépido Praeiro, teve que se defrontar com as tropas revolucionárias no Porto “Dom Carlos”, às margens do Rio Paraná, localidade limítrofe entre Mato Grosso e Paraná. O combate acabou ocorrendo também em Porto Guaíra.

No primeiro momento, as tropas mato-grossenses tiveram que bater em retirada estratégica, até porque era nítida a supremacia bélica dos revoltosos, somada a um número superior de guerrilheiros. Nesse confronto, a tropa onde Praeiro estava foi duramente castigada, mas felizmente não houve baixa, ocorrendo apenas a prisão de três soldados. Esse combate se arrastou por seis longas horas, ou das cinco às onze da manhã. Após quatro meses desse episódio, a tropa onde Praeiro estava retornou e conquistou definitivamente o Porto “Dom Carlos” e lá permaneceu até março de 1925. Em verdade, eles ficaram guarnecendo o Porto com poucos recursos: médico não existia, a malária se instalara no grupamento e os enfermeiros não davam conta de atenderem os doentes. Ante esse quadro desolador, o nosso bravo Praeiro se constituiu enfermeiro de todos, preparando para os infectados os banhos de erva-de-bicho que, segundo a crença, eram muito eficientes para debelar a maleita. Além dessa espontânea atitude, também buscava com o comando latas de leite condensado, etc.

Para melhor alimentar os enfermos, cuidava de um a um, mormente à noite e tudo fazia por espírito cristão inconsciente, visto que nem religioso era na época. Sentia no próprio peito a dor do semelhante, e,

como não poderia deixar de ser, o desvelado Aristotelino também contraiu a malária, vindo a prostrar-se num leito, donde teve que viajar para Campo Grande, numa difícil viagem por via fluvial e depois por via-férrea através da “Noroeste do Brasil”.

Em julho de 1926, Praeiro regressa a Cuiabá. Reiniciou os estudos com o professor Ezequiel de Siqueira e, ainda nesse ano, fez exames de admissão para a Escola de Sargentos da Infantaria. Tendo sido aprovado, seguiu para o Rio de Janeiro onde permaneceu até o ano de 1927, quando concluiu o curso classificado em 6º lugar numa turma de 56 alunos. Exatamente por causa do seu desempenho durante o curso aludido, não teve o prazer de retornar a Mato Grosso, posto que os quinze primeiros classificados foram designados para servirem na Guarnição do Rio de Janeiro, seguindo ele para o 1º Batalhão de Caçadores de Petrópolis.



Aristotelino A. Praeiro – Terceiro Sargento

Em 1929, já em Cuiabá, Praeiro ficou noivo de sua primeira esposa, D. Adelina de Matos, e ela o inicia

nos princípios espíritas. Certa ocasião, já iniciante espírita, resolveu realizar uma sessão familiar (mediúcnica) em casa, reunião que foi presidida pelo Senhor Montezuma e cuja finalidade era se obter uma comunicação de seus pais. Houve o intercâmbio através de um médium de confiança e quanto à autenticidade não pairou qualquer dúvida. D. Joana, sua mãe, disse: “Meu filho vai continuar seus estudos para o seu progresso, Deus há de olhar a sua família.” Em seguida, seu pai se comunica e, em suas exortações equilibradas, disse: “Meu filho, tens que viver muito.” Em 1932, o Capitão João Gualberto Zorrão o convidou para fazer um curso de Educação Física na Escola de Educação Física do Exército na Urca (Rio de Janeiro) para onde teve de rumar. Neste mesmo ano, deflagra-se a famosa “Revolução Constitucionalista” e, com isso, o Ministro da Guerra decidiu pelo fechamento da Escola de Educação Física, determinando que todos os alunos fossem se apresentar para combater os revoltosos. Como Praeiro pertencia a uma guarnição sediada em Mato Grosso, tornava-se impossível sua apresentação à unidade de origem, resultando daí ser designado a servir no 3º Regimento de Infantaria que já se encontrava na linha de frente na cidade de Itatiaia.

O que foi o Levante Constitucionalista de 1932?

Foi, sem dúvida, um dos fatos emblemáticos ocorridos no Governo Provisório de Getúlio Vargas. Desencadeada em São Paulo, foram três meses de combate, que colocaram frente a frente nos campos de batalha forças rebeldes e forças do comando provisório

do país.

A chamada “Era Vargas” principia com a Revolução de 30 e termina com a destituição do “Pai dos Pobres” em 1945. Foi marcada por rígida intervenção do Estado na economia e na organização da sociedade e pelo conseqüente totalitarismo (que alastrava-se no mundo à época) e centralização do poder.

Quando Vargas assumiu poder em 1930 pela Junta Militar que destituiu o presidente Washington Luís, manteve sob rédeas a autonomia de São Paulo, indicando um Interventor de fora do Estado. Alguns não se conformavam com o fato de São Paulo estar sendo comandada por um “interventor forasteiro”.



Um grupo de paulistas participante da Revolução Constitucionalista de 1932.

No dia 25 de janeiro de 1932, aniversário da cidade, houve um imenso comício na Praça da Sé, colorido com bandeiras do município. Partidos políticos

que eram rivais estavam unidos. Em fevereiro a situação se agravou. A ideia de revolução tomou conta de todos, sem distinção de classe social.

São Paulo estava confiante da vitória, pois contava com o apoio dos militares de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Mas somente Mato Grosso manteve-se leal a SP. O comandante da Revolução era o general Isidoro Dias Lopes, apoiado fortemente pelo contingente de Mato Grosso, comandado pelo general Bertoldo Klinger.

No dia 9 de julho de 1932, o Interventor Pedro de Toledo telegrafava ao presidente provisório Getúlio Vargas: “Esgotados os meios que ao meu alcance estiveram para evitar o movimento que acaba de se verificar na guarnição desta Região ao qual aderiu o povo paulista, não me foi possível caminhar ao revés dos sentimentos do meu povo.” Começava a Revolução Constitucionalista.

A Revolução Constitucionalista teve apoio de vários setores da sociedade paulista. Pegaram em armas intelectuais, industriais, estudantes e outros segmentos das camadas médias, políticos ligados à República Velha ou ao Partido Democrático. O que os movia era principalmente a luta contra o estado totalitário.

Nos poucos meses de conflito, São Paulo viveu um verdadeiro esforço de guerra. Não apenas as indústrias se mobilizaram para atender às necessidades de armamentos, mas também a população se uniu na chamada Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo. Pela primeira vez buscavam-

se iniciativas não apenas militares para romper o isolamento a que o estado fora submetido. Faltou, no entanto, a esperada adesão das forças mineiras e gaúchas. Os governos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, embora apoiassem a luta pela constitucionalização, decidiram manter-se leais ao Governo Provisório.

Isolada, enquanto movimento a revolução fracassou e teve seu fim 1º de outubro de 1932 quando foi assinada a rendição. Enquanto os principais líderes tiveram seus direitos políticos cassados e foram deportados para Portugal.



Poster de Convocação dos constitucionalistas em 1932

Diante deste panorama Praeiro, um militar obrigado a entrar na batalha, exorou a Jesus para que não fosse lotado para a unidade de metralhadoras; mas, quando se apresentou ao 3º RI, enquanto os seus companheiros foram designados para a Companhia de Fuzileiros, ele foi o único designado para a não desejada companhia de metralhadoras do Regimento. Porém, isso não o desanimou nem um pouco, posto que não duvidara da justiça Divina, muito embora tenha tanto exorado da Providência amparo e

distanciamento das metralhadoras. E assim, designado para comandar a 5ª seção de metralhadoras pesadas, no dia subsequente recebeu a ordem de ocupar o “Morro das Taquaras”, com a missão precípua de neutralizar as metralhadoras inimigas.

A certa altura desse combate, o Comandante do Batalhão resolveu tomar de assalto à baioneta uma posição estratégica dos rebelados e, nesse momento, Praeiro percebeu a resposta de sua súplica quanto ao pedido que fez a Deus para afastá-lo das metralhadoras, visto que a 1ª e a 2ª Companhia de Batalhão deveriam avançar debaixo das metralhadoras inimiga até o ponto de assalto para depois tomarem a posição. Nesse confronto, a determinação do comando era rechaçar as armas: dos revolucionários, neutralizando-as, dando cobertura aos seus companheiros que teriam de lutar corpo a corpo. Naquele momento, compreendeu que o Pai Celestial ouvira sua rogativa tendo em vista que, se se tivesse incorporado ao pelotão de fuzileiros, teria de atacar de parábélum ou de granada em punho, conforme ocorreu com o seu amigo Tenente Bandeira, que acabou perecendo num desses assaltos. A rigor, sempre recordava das palavras de seu pai desencarnado: “Meu filho, tens que viver muito.” Devido a isso, sabia que não morreria naquela refrega, ainda que o poderio do fogo inimigo fosse singularmente superior. Destarte, imaginava que até poderia ser ferido, o que não veio a ocorrer.

No transcurso da luta armada, acentuavam-se os momentos difíceis e sua bússola era a prática

evangélica, até porque dizia sempre que sem Jesus caminhamos a lugar algum. Quando tinham que transpor lugares perigosos e os soldados titubeavam ante o pavor das investidas do adversário, Praeiro escutava ressoar na concha da consciência o célebre “Faça aos outros o que queres que te façam”: “Diante disso estufava o peito, passava à frente da tropa e ordenava: SIGAM-ME.”

Nas pelejas mais intensas, se ocultava nas matas próximas para orar, sempre suplicando ao Criador que os excitados revolucionários se retirassem e renunciassem à Revolução e, como um autêntico cristão, antes de arremessar os projéteis inclementes contra os inimigos, Praeiro enviava os dúcidos cânticos da oração. Não desgrudava do Evangelho e, nos momentos mais calmos, naquele nefasto campo de batalha, procurava as sombras dos cafezais para ler os códigos divinos que Jesus legou ao homem.

No transcorrer da campanha de Itatiaia e Lorena, teve oportunidade de socorrer diversas famílias da localidade. Ajudava com alimentos, leite para as crianças e amparava contra quaisquer outras intempéries decorrentes da indesejável batalha. Certa vez, encontrou numa laje à guisa de gruta (abrigo) mulheres e crianças escondidas em profundo abatimento, em razão de estarem albergadas em plena linha de fogo. Praeiro fornecia-lhe alimentos (comida de campanha) por se encontrarem sob fome avassaladora.

Uma dessas mulheres suplicava-lhe a libertação de seu filho, um rapaz que nada tinha a ver com aquela

luta. De pronto Praeiro atendeu a comovente rogativa e foi tentar a intercessão junto ao Comando da Guarnição e obteve êxito. Sendo-lhe entregue aquele jovem, conduziu pessoalmente ao regaço daquela mãe aflita dizendo a ela: "Aqui está seu filho." Um inesquecível sorriso brotou daquela boca de mãe, num gesto de singular agradecimento, cuja expressão não mais esqueceu.

A propósito da intrepidez desse bravo cristão de farda, recordamos que, certa feita, por iniciativa própria, convidou o Tenente Bandeira a examinar o agravamento do quadro em que se encontravam, demonstrando que ainda dava tempo de salvar a situação, resguardando a posição de combate com o máximo de segurança com a retirada das tropas. Bandeira atendendo a esta iniciativa conseguiu manter a posição e acerar as partes ainda não atingidas pelo fogo que avançava sobre as tropas. Essa iniciativa feliz arrancou um forte e demorado abraço do Tenente.

Quando todos se acercavam do ponto estratégico do combate, ameaçados pelas intermitentes rajadas de metralhadoras inimigas e pelo fogo que crepitava nas matas devorando-a de forma implacável (fogo ateadado adredemente na direção dele), Praeiro percebeu que havia um ponto culminante na crista da elevação que necessitava ser desmatada para não serem alcançados pelo fogo voraz. Entretanto, os soldados temiam enfrentar aquela região e, antes de ordenar o avanço dos indecisos subordinados, refletiu mais uma vez a magna lição de Jesus: "Faça aos outros o que queres que lhe façam", tomou a dianteira

corajosamente, submetendo-se impávido à ação das fulminantes rajadas das metralhadoras e fez com que todos o seguissem, chegando por fim ao ponto colimado.

Diversas vezes recebia cartas do Rio de Janeiro das famílias entregando-lhe os filhos aos seus cuidados, onde estampava a confiança em Deus e no destemido cuiabano. Isso ocorria devido às cartas que os soldados escreviam às famílias, narrando-lhes que serviam sobre o comando dele e a forma amigável como os conduzia e tratava. Praeiro agiu com tanto brilhantismo e denodo durante o combate contra os revoltosos que, findo o famigerado levante constitucionalista, retornando ao Rio de Janeiro, teve a grata satisfação de entregar as famílias os filhos a ele confiados.

Acresce assinalar que, durante toda a campanha em São Paulo, na sua seção de metralhadora, apenas pereceu um cabo, e mais dois feridos.



Tenente Praeiro

VII

- Algumas frustrações na carreira militar

O corajoso e pacífico militar que deixou estereotipada a ver a imagem do homem completo, na acepção profunda da terminologia, sorveu alguns ressaibos amargosos em sua carreira. A sua promoção para 2º Tenente foi conduzida para as “calendas gregas”, isso por que não conseguiam valorizar um dos mais importantes expoentes morais que o Exército conheceu, homem de conduta irretorquível que jamais fora sequer advertido. Em verdade, Praeiro deveria ser transferido para a reserva com o posto de capitão e as vantagens de major; contudo foi para a reserva, após 36 anos de efetivos trabalhos à Pátria, no posto de 2º Tenente.

Seus óbices promocionais ocorreram por ocasião da Segunda Guerra Mundial em 1942. Quando servia na guarnição de Cáceres, era o candidato número um do Batalhão para a esperada promoção ao oficialato e, por absoluta inexperiência do responsável pela remessa da documentação necessária à Comissão de Promoção (sediada no Rio de Janeiro), os documentos não chegaram a tempo hábil à referida Comissão para serem entregues ao Ministro da Guerra. Por este descuido, Praeiro aguardou até o ano de 1948, então, servindo no 16º Batalhão de Caçadores de Cuiabá e mais uma vez foi incluído no quadro de candidatos à

almejada promoção. Novo fracasso. A douta Comissão de promoção alegara que a promoção não sairia porque o Subtenente Praeiro não tinha a medalha de bronze, quando, na realidade, ele tinha direito à medalha de prata por mais de 25 anos de serviços prestados ao Exército sem nenhuma punição militar. Diante de tanta indiferença, Praeiro, sem qualquer laivo de mágoa ou ressentimento, decidiu atregar sua aspiração ao posto de 2º Tenente e pediu a sua transferência para a reserva remunerada com o posto de Oficial a que tinha direito de sobra.

VIII

- Um bairro para imortalizá-lo

Em Cuiabá, um bairro se destaca como local de concentração de pessoas humildes, aliás, virtude presente na vida do filho de Joana e Manoel, e esse bairro tem a sua história. É o Bairro “PRAEIRO”.

Longe das hostes militares e exercendo a função de Diretor do Departamento de Promoção Social da Prefeitura de Cuiabá, Praeiro iniciou o trabalho de infraestrutura dos bairros periféricos. A princípio, aproximava-se da comunidade de cada aglomeração e estimulava-as a um trabalho associativo, objetivando o mútuo auxílio para a melhora de vida comunitária. Implantou cursos profissionalizantes, organizou hortas comunitárias, incentivou o esporte educativo, construiu escolas e lavanderias comunitárias, centros comunitários recreativos e de educação física para as comunidades. Na época, ele tinha uma boa assessoria de assistentes sociais e isso foi fundamental para lograr êxito nos trabalhos assumidos.

Nesta altura, entra em cena a figura do cidadão Avelino Tavares, um grande amigo do Tenente que, ciente da desenvoltura dos trabalhos na Prefeitura, resolveu doar à Administração Municipal uma área que comportou 172 lotes de 360 metros quadrados cada um. Este terreno se localizava entre o Córrego do Barbado e Bairro Shangri-lá.

Juntamente com a doação ia a proposta de

Tavares ao Prefeito José Villanova Torres de que nos 62 mil metros quadrados deveria ser implantado um bairro que acolhesse criaturas carentes (invasoras) e este bairro deveria ter o nome do Praeiro. O Prefeito aprovou a ideia e a Câmara Municipal sancionou o projeto. De posse da área doada, o Departamento de Obras da Prefeitura executou os trabalhos de implantação do bairro, sob a coordenação do próprio Praeiro. Finda esta primeira etapa, chegara o momento de assentar as famílias das invasões na área cedida. Por não ter água e nem luz no local, as famílias relutaram em se transferirem para lá, contudo a Legião Brasileira de Assistência (LBA) auxiliou bastante doando arames farpados aos que receberam os lotes para cercá-los. Ressalta-se, também, o grande empenho do Deputado Gastão de Matos Muller, que, sabedor do empenho do “bravo de Lorena” e dos ideais que o moviam, designou para o nascente bairro uma verba de 20 mil cruzeiros de sua cota de doação. Para aquele tempo, essa verba era considerada uma volumosa quantia e tanto isso é certo que o Praeiro comprou com esse recurso 3.000 metros de tubo PVC para a instalação de água nos lotes fazendo conexão com uma rede já implantada no Bairro Shangri-lá. Ocorreu, porém, que, por uma questão meramente política, a SANEMAT, órgão do Estado, não fez a instalação da água, o que foi uma lástima. Ao término do Governo do Dr. José Fragelli, foi inaugurado o bairro PRAEIRO com a definitiva instalação da Escola Hélio de Souza Vieira e o Centro Comunitário que homenageava a sogra do Governador. Estiveram presentes à inauguração o Excelentíssimo Governador, Dr. José

Fragelli e o Dr. Villanova, Prefeito de Cuiabá. A festa foi animada pelas bandas da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso e da Escola Técnica Federal.

Registramos, também, que um dos lotes doados foi reservado para a construção do Centro Espírita José Antônio dos Reis, outro destinado para a construção de uma igreja protestante e mais um terceiro lote foi cedido para a igreja católica, que, contudo não se interessou em ocupá-lo.



Logradouro localizado no Bairro Praeiro, foto de 2011

IX

- Na Secretaria Municipal de Várzea Grande

Pelos idos de 1966, o Dr. Gabriel Júlio de Matos Muller, Prefeito de Várzea Grande, convidou Praeiro para assumir a Secretaria de Viação e Obras do município. Mesmo sem ser engenheiro, decidiu por aceitar o convite formalizado pelo Dr. Gabriel. Mato Grosso sempre foi um estado muito politizado e as cizânias eram apenas reflexos das ideologias partidárias e, como Praeiro era do "PSD", as oposições criavam dificuldades na administração do mandatário da cidade, muito pessoalmente dos "Udenistas" (partidários da UDN), que não se interessavam em pagar os impostos. Naquele tempo, manter a cidade em ordem era uma tarefa que somente a engenharia da criatividade e da consciência do espírito público seria capaz de sustentar. Na época, a Prefeitura não dispunha sequer de um veículo para os serviços essenciais. Financeiramente a administração pública de Várzea Grande estava na estaca zero. Nem o pagamento da folha dos servidores era possível. A panorâmica era essa: conservar ruas, recuperar estradas, pontes etc., somente com uma "mãozinha de Deus". Quando chegava o período das águas (chuvas) era um "Deus-nos-acuda". Os distritos eram ligados ao município por meio de pontes que muitas vezes eram destruídas em face das constantes enchentes. Nesse período, o abastecimento de água da cidade era

angustiante. Havia os problemas das invasões e os proprietários brigavam muito por suas terras, mas, felizmente, havia muitas terras na região e a solução era mais fácil. Praeiro abriu muitas ruas, construiu algumas praças, entregou muitos títulos de terra à população e, é digno de nota, nunca requereu nem para si, nem para os parentes nenhum palmo de terra. Embora fosse secretário de um político, jamais se envolveu ou palmeou os enganosos carreiros da política partidária.

Enquanto Secretário da Prefeitura, também difundiu os postulados espíritas na cidade, e todos que o sabiam espírita, procuravam-lhe a consolação e não foram raras as vezes em que teve que ministrar passes, esclarecer e ofertar remédios homeopáticos.



Vista panorâmica de Várzea Grande – 2012

X

- Na secretaria da capital do estado - Cuiabá

Em 1967, Frederico Campos, o então Prefeito de Cuiabá, convidou o Praeiro para Diretoria do Serviço Social da Prefeitura. Aceitando o convite e assumindo de corpo inteiro os problemas da área, como primeira providência, foi pessoalmente fazer o levantamento da periferia cuiabana. Organizou os bairros e cadastrou todas as famílias carentes. Neste ano, realizou o Natal dos pobres de todos os bairros sob o patrocínio da Administração Municipal. Foram comprados brinquedos de uma indústria de Santa Catarina e também brinquedos da Estrela. Nessa conjuntura, foram distribuídas às crianças carentes brinquedos, biscoitos e caramelos, enquanto aos adolescentes e adultos foram doadas roupas prontas e tecidos. Como o prefeito era espírita, resolveu mobilizar-se e também participou das festividades natalinas dos necessitados, que, diga-se de passagem, nunca tinham sido realizadas na capital do Mato Grosso.



Vista panorâmica de Cuiabá - 2012

Quando Frederico Campos se afastou do cargo, foi substituído pelo Dr. Bento Machado Lobo, que convidou o Praeiro para continuar no cargo, e, após alguns meses, foi convidado para chefiar o Gabinete do Prefeito. Sem muita experiência na nova função, teve que exercitar o chamado "tino" cristão para enfrentar os políticos, vereadores e massa que buscavam o Prefeito, sempre abarrotados de pedidos. Com a usual moderação e paciência, conseguiu contornar todos os óbices e ir até o final do mandato do Prefeito.

Com a posse do novo Governador, Dr. José Fragelli (ex-Presidente do Senado Federal), foi nomeado o Dr. Villanova para a Prefeitura e este, mais uma vez, convidou o Tenente Praeiro para assumir o Departamento de Promoção Social, onde ficou até o final da gestão do Prefeito. Como se não bastasse, o grande paladino das terras pantaneiras foi convidado pelo Dr. Gabriel de Matos Muller para o cargo de Secretário-Executivo da Federação da Agricultura do Estado de Mato Grosso, onde permaneceu até 1980.

Cabe assinalar, também, que exerceu muitas atividades eletivas por força de sua ilibada conduta moral. Foi Secretário da Cooperativa Rural de Cuiabá por vários períodos. Foi membro da Comissão Fiscal dessa Cooperativa. Foi também fundador da Companhia Telefônica Cuiabana, tendo pertencido ao Conselho Fiscal da Casemat.

XI

- Nas hostes maçônicas

No ano de 1960, adentrou os pórticos do movimento maçônico, com o fim precípua de servir à sua causa legítima da fraternidade e não ser servido com ignóbil aspiração das conquistas fáceis, sob o ponto-de-vista material. Seu senso de solidariedade somado à índole pacifista penetrou nos arcanos dos segredos da centenária Maçonaria. Na realidade, Praeiro foi para a sociedade maçônica devido às insistentes indagações dos frequentadores do Centro Espírita de Cuiabá que questionavam se ele era ou não maçom. De tanto negar sua condição de membro da Maçonaria quando lhe diziam que seria um ótimo membro da ordem maçônica, finalmente aderiu aos convites de muita gente séria e se tornou maçom.

Certa vez, lhe indagamos como conseguia um líder espírita compatibilizar o culto exterior dos simbolismos e rituais maçônicos com os preceitos kardecianos. Praeiro, dentro de sua calma, ponderou: “Nenhuma incompatibilidade existe entre o simbolismo e rituais presentes na ordem maçônica com os ensinamentos espíritas, até porque a Maçonaria é o Cristianismo em outros termos, isto é, o verdadeiro maçom que vivência os postulados maçônicos é verdadeiramente um cristão.” E diante de nossa insistência quanto à sua permanência e frequência nas rodas maçônicas responde: “Estou nas fileiras maçônicas para exemplificar o dever de fidelidade aos

Grosso.

Sua dedicação sem limites e sua capacidade de trabalho fizeram do irmão um exemplo para a Maçonaria e de nós um seu eterno admirador e amigo.

Particularmente, somos-lhe eternamente gratos pela sinceridade com que atendeu ao nosso convite e lealdade com que desempenhou não somente a função de Grande Secretário, como também todas as outras em que esteve presente.

Nas nossas reuniões sua palavra era ouvida com respeito e admiração porque elas traziam sempre a sabedoria e o amor que engrandece todos os atos de nossa vida.

Por tudo isso queremos levar mais uma vez ao querido irmão o nosso preito de eterna gratidão por tudo que plantou em nossa sublime ordem.

Continuando a estimá-lo, desejamos com os nossos agradecimentos enviar-lhe um tríplice abraço, colocando a sua disposição o Grande Oriente do Estado de Mato Grosso.

Fraternamente

Nilson Constantino

“Grão Mestre”

XII

- A respeito da política

O nosso paladino das terras do pantanal tem opinião própria a respeito da política humana e sempre afirma:

“A vida política partidária na humana concepção é incompatível com a vivência cristã. Se os políticos cultivassem a política com idealismo, bafejados pelo desejo de servir à Pátria, o mundo estaria mais ameno e melhor.”

XIII

- Trajetória espírita

O primeiro contato que teve com os aspectos fenomênicos da Doutrina Espírita ocorreu quando ainda tinha dez anos de idade, isso porque teve que acompanhar sua tia Jaquecina, que era médium de psicografia, para participar dos trabalhos mediúnicos realizados na casa do senhor João Conrado.

Onze anos depois, já com 21 anos e ainda residindo na casa de sua tia Jaquecina, porém em Cuiabá, certa noite foi levá-la à residência de um membro da família Curvo, na Rua Barão de Melgaço, defronte a atual Caixa Econômica Federal. Nesse local foi realizada uma sessão de desobsessão presidida pelo saudoso companheiro João de Deus, homem de fé robusta e conduta irreprimível, e, nessa oportunidade, Praeiro pela segunda vez esteve em contato com a mediunidade e, por via de consequência, com o Espiritismo. Esta reunião visava a amenizar o quadro psíquico de Amélia Muniz que sofria acérrimas dores morais, tal o estado de perturbação em que se encontrava.

Ainda em 1924, assistiu a uma parte de uma sessão espírita na residência do senhor Vicente de Montezuma na Rua Governador Rondon (antiga Rua da Mandioca). Praeiro foi até lá buscar a sua tia Jaquecina, e, por isso, acabou pegando o final da sessão, porém ainda não se interessou pela doutrina, até porque

estava no auge do fragor juvenil, tinha na cabeça a pujança das aventuras com as namoradas. Não havia espaço em suas ideias para a religiosidade.

No ano de 1929, foi convidado por sua noiva, Adelina de Matos, que se tornou a sua primeira esposa, para assistir a uma sessão mediúnica na casa de D. Mariquinha (Maria Joana). Praeiro aceitou o convite, muito embora o que lhe movia era a ideia e o prazer de estar ao lado de sua amada, o Espiritismo não representado absolutamente em nada na sua vida. Acontece que Adelina também não se interessava pela Doutrina; mas, naquele dia, fora convidada por D. Anita, sua vizinha que tinha “perdido” o marido fazia pouco tempo e desejava obter uma possível comunicação do falecido, daí ter ido buscar aquela sessão. No transcurso da reunião, após a leitura do Evangelho segundo o Espiritismo feita pelo Montezuma, manifestou-se de forma espontânea, por via psicofônica, uma entidade com características de acentuada elevação moral, transmitindo uma mensagem tocante e profunda, infundindo na intimidade do Praeiro certo devaneio para futuras concepções a respeito daquilo tudo. O Espírito abordava assuntos da mais alta transcendência, mormente para um leigo como ele. Falou também sobre as futuras guerras e acontecimentos que ocorreram “a posteriori”. A estupefação dele aumentou quando a entidade disse: “SOU AQUELE QUE NA TERRA FOI DUQUE DE CAXIAS”.

Após essa sessão, Adelina e Praeiro se retiraram e foram para casa. Ele ao lado da noiva num silêncio

tumular sob efeito da forte impressão que lhe causara a mensagem de CAXIAS. Sendo indagado por sua noiva sobre a sua tristeza, respondeu que não estava triste, mas refletindo sobre a comunicação que acabara de ouvir e que a partir de então iria estudar a Doutrina. Exatamente a partir daí surge a luz na estrada de Damasco. Praeiro, como que envolvido na mais profunda comoção emocional, sentiu o espocar de uma nova vida, o raiar de um novo dia, despertando para o convite de Jesus para sua tarefa da terra.



Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias)

XIV

- Considerações sobre Duque de Caxias

Antes de darmos prosseguimento sobre as andanças do protagonista deste livro, cremos que cabe um parêntese para conhecermos um pouco sobre o ilustre Mentor de Aristotelino Alves Praeiro. Aproveitamos para dedicar ao venerável amigo espiritual Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias) essa lembrança a qual traduzimos na forma de pequena biografia, que registramos neste desprezioso livro.

Nasceu em 25 de agosto de 1803, na Fazenda São Paulo, no Taquaru, Vila de Porto da Estrela, Capitania do Rio de Janeiro.

Filho do Marechal de Campo Francisco de Lima e Silva, regente do Império e Senador, e de D. Mariana Cândida de Oliveira Belo. No dia 20 de novembro de 1808, senta praça de cadete no 1º Regimento de Infantaria, a mando do Príncipe Regente D. João. Em 1818 matriculou-se na Academia Real Militar onde cursou com brilho o 1º ano de matemática. Após anos de exaustivos estudos acadêmicos, foi aprovado em todas as matérias cursadas e também foi promovido a Tenente em 2 de janeiro de 1821. Caxias foi convidado pelo próprio Imperador para integrar a Imperial Guarda de Honra e Batalhão do Imperador, organizado pelo Imperador D. Pedro I.

Em 3 de maio, recebia o jovem militar seu batismo de fogo, revelando excepcionais qualidades de inteligência e bravura. Ante as suas manifestações de suprema diplomacia e tino fraternal, o proclamavam, com justificadas razões, Conselheiro da Paz e Pacificador do Brasil.

No dia 6 de janeiro de 1833, no Rio de Janeiro, o então Major Luiz Alves de Lima e Silva casava-se com a senhorita Ana Luiza de Loredo Carneiro Viana, filha do Desembargador Paulo Fernandes Viana e D. Luiza Rosa Carneiro. Foram quarenta e um anos de união feliz; de um férvido amor recíproco, e de uma convivência inalterável em que a amizade foi a tônica; oito lustros de infindas ternuras. A prova do que iria ser essa paixão ininterrupta, deu-lhe a esposa amantíssima, quando ela, receosa de seu afastamento futuro do lar, ora em franca lua-de-mel, lhe propôs depusesse a espada para irem viver com o que possuíam os prazeres da vida particular.

Após alguma meditação solitária, tornou à sua presença com o requerimento que solicitava a dispensa do serviço militar e que iria pessoalmente levar ao Ministro da Guerra. Já montado em seu cavalo, disposto a partir, sua "Anica" (como era chamada na intimidade) lhe dirigiu a palavra, que valeu como que uma participação decisiva da companheira no triunfo crescente do esposo amado: - "Errei meu amigo, perdoa-me. Ao egoísmo do meu afeto sacrificava-te. Não, nunca. Nunca mais me ouvirás desviar-te da honrosa estrada que trilhas. Continuam a encher-te o coração o dever, a Pátria, a Glória; com tais imagens

ufana-se a minha alma associar-te". E a petição foi ali mesmo rasgada. O Brasil viria lucrar com o gesto altruístico daquela que foi realmente, segundo o seu marido, a inspirada de seus feitos gloriosos.

Em 16 de dezembro de 1847, viu o seu lar enriquecido com o nascimento do único filho varão Luiz Alves de Lima e Silva Filho, a esperança de uma sucessão de méritos e virtudes, infelizmente malograda quinze anos e meio mais tarde, com a morte prematura do jovem, em 18 de junho de 1862.

Denso véu viria cobrir-lhe o coração envelhecido, pois em 23 de março de 1874, em meio às festivas manifestações, morre a sua querida esposa, a companheira inesquecível de quarenta e um anos de vida conjugal, a sua adorada "Anica".

Caxias era um profundo religioso e a sua fé fazia com que não desfalecesse ante os mais intrincados óbices.

Quer nos momentos gloriosos de seus áureos triunfos, quer nos lances dramáticos das conjunturas difíceis, prosternava-se humilde ante à vontade de Deus.

No dia 07 de maio de 1880, às 20 horas e trinta minutos, cercado dos desvelos dos seus íntimos, Caxias alçou o voo inflexível para a "Pátria Verdadeira". Sua longa e proveitosa existência, dedicada sem desfalecimento ao serviço ininterrupto da Pátria, desde os albores do primeiro reinado, ao próximo fim do regime monárquico, foi a mais expressiva lição cívica que os brasileiros puderam ter.

Seu sepultamento foi realizado sem pompas, com a maior simplicidade, segundo desejos testemunhais; dispensou todas as honras militares. E ao toque de silêncio sob as pungentes lágrimas dos que o foram levar à campa humilde, cerrou-se a lápide marmórea a ocultar um corpo inerte, mas se abriam para a imortalidade, através da história e da lembrança da Pátria agradecida, os clarões fulgentes de sua glória imensa e inigualável.

XV

- O caminho espírita...

No dia posterior ao trabalho em que participou na casa de D. Maria Joana (Mariquinha), às 06 horas da manhã rumou para o quartel, agora já com novas concepções de vida, desejando tratar os subordinados com mais consideração e paciência, vendo em cada um deles um verdadeiro irmão. Quanto à Adelina, a quem amava com intensidade, a partir daquela noite inesquecível, decidiu renunciar a todas as falhas e tornar-se fiel a ela, posto que, até então, vivia prevaricando.

Ainda nesse dia, foi até a casa de sua noiva e com a sua aprovação (dela) marcaram a data do casamento para o dia 28 de setembro de 1929. O fato é que, como solteiro, Praeiro se sentia muito livre, e como o sopro de renovação íntima falou mais alto, deliberou pelo consorciamento para pacificar a alma, de vez que não mais lhe interessava a vida aventureira de um jovem saudável, contudo comum.

Naquela época não havia livros espíritas para se venderem em Cuiabá, e certo dia, já casado com Adelina, eis que um carteiro, o senhor Emiliano, que residia em Várzea Grande, lhe ofereceu o Evangelho Segundo o Espiritismo e mais do que depressa comprou o livro e se deslumbrou com o seu conteúdo, percebendo, nessa obra magnífica, a verdadeira materialização do Código Divino traçado por Jesus ao

homem.

Podemos mesmo afirmar que a fé do Praeiro se consolidou para valer após alguns episódios interessantes, ocorridos quando começou a frequentar as sessões mediúnicas na residência do Montezuma, na Rua Cândido Mariano nas proximidades da Praça da Boa Morte. Certa ocasião, adentrou a casa e se acomodou. Após a leitura do Evangelho, o trabalho foi iniciado e teve o seu curso normal até o encerramento. Durante o trabalho houve os fenômenos de psicografia e psicofonia; após o que eram feitas as leituras das comunicações psicografadas. Numa dessas mensagens, uma fez com que Praeiro sentisse um sobressalto no peito e um acentuado esfriamento na barriga: era uma mensagem de seu pai que dizia o seguinte: “Meu filho! Siga este caminho que o conduzirá a uma vida gloriosa de amor e verdade...” Destaque-se o fato que o médium não o conhecia e nem tampouco a seu pai.

A partir daí, tornou-se amigo íntimo do Montezuma, e se tornou frequentador das reuniões. Numa dessas sessões, a qual era chamada de “mesinha” (mesa girante), uma nova surpresa o aguardava: sua mãe dá o ar de sua presença espiritual. Fala sobre detalhes da sua infância e juventude, que somente ele sabia. Ninguém ali presente conhecia a sua mãe e muito menos tinha ciência de que já era desencarnada. Em face desse fato Praeiro abriu espaço no coração para o Espiritismo, pois esta expressão fenomênica o impulsionou ainda mais para o universo dos preceitos kardecianos.

XVI

- Sobre os primórdios do Espiritismo em Mato Grosso

O extraordinário Espírito Humberto de Campos registra, numa obra, que o nosso Brasil será a Pátria do Evangelho e o coração do mundo e, nesse contexto, por extensão, estando no estado de Mato Grosso o centro geodésico da América do Sul, óbvio que o coração do Brasil é aqui.

Com a definitiva consolidação da doutrina Espírita no País, a partir do ano de 1884 com a fundação da Federação Espírita Brasileira, exatamente nove anos depois (1893), os pioneiros da Doutrina na terra de Rondon semeiam as bases sacrossantas da doutrina de Allan Kardec na legendária “Cidade Verde” (Cuiabá). O marco inicial teve como cenário as reuniões familiares na antiga Rua do Campo, atualmente, “Barão de Melgaço”, quando uma plêiade de abnegados obreiros do senhor reunia-se na residência do Capitão Pedro Ponce para estudarem e manterem trabalhos no campo mediúnico. Pelo que descobrimos, também havia sessões na casa de Nenê Pitaluga.

Juntamente com Pedro Ponce, também laboravam no ideal kardecista os senhores Flávio Crescêncio de Matos (pai de Arnaldo de Matos, sogro do Praeiro) e João de Deus Leite.

Em 1906, chega a Cuiabá o extraordinário orador

espírita Viana de Carvalho que, com a sua eloquência e amor à causa espírita, conseguiu despertar o interesse de alguns cuiabanos. Viana uniu-se ao grupo de Pedro Ponce e decidiu fundar um centro espírita, onde veio a nascer o Centro Espírita de Cuiabá. Destarte, o Espiritismo se expandiu e fincou raízes profundas nos corações, abalando a estrutura social daquele povo tradicionalmente católico.

Três anos após o início das reuniões familiares em Cuiabá, era fundada na cidade de Cáceres o Grupo Espírita “Fé e Caridade”, isso em 30 de Novembro de 1896, cuja diretoria ficou assim composta: Presidente: João de Campos Vidal; Secretário: Manuel Nunes de Barros; Diretor dos Trabalhos: Júlio Sanderes Palomares, e Tesoureiro: Antônio Juliano da Silva. Ainda nos registros históricos do Espiritismo em Cáceres, encontramos ainda a Sociedade Espírita “Apóstolos do Cristo e da Verdade”, que funcionava na residência de Dona Maria Guia Bastos a partir de 1897; e, em quinze de março de 1900, foi fundada a Sociedade Espírita “Antônio de Pádua”, cuja sede provisória era na casa do Senhor José Borba Neto. Os fundadores do “Antônio de Pádua” foram: Antônio Juliano da Silva, Brasileiro da Silva Baraúna, Fidêncio José da Silva, Romão da Rocha, Bartolomeu da Trindade Fonseca, Antônio D'Alencourt Sabó de Oliveira, Persiliana Gonçalves, Antônio Rosa de Lima, José da Silva, Joaquim da Costa Farias, João Saturnino Alves da Cunha, Benedito da Costa Marques e Manoel Higínio da Costa Marques. Consignamos desta forma, por importância histórica do movimento espírita mato-grossense, em seus primórdios, a primeira diretoria da instituição que, a partir de 1916,

passou a ser designada por Centro Espírita “Mateus”:
Presidente: João de Campos Vidal; Vice-presidente:
Antônio D’Alencourt Sabó de Oliveira, Secretário
Domingos Bezerra, tesoureiro José Borba Pereira.



Porto no Rio Paraguai – Cáceres – MT – 2011

XVII

- Em Barão de Melgaço

À medida que vamos historiando a marcha da doutrina dos Espíritos na terra do Pantanal, um fato se evidencia: a fusão inevitável entre a história do Praeiro e do próprio Espiritismo por estes lugares.

Entre os anos de 1915 e 1920, às margens do Rio Cuiabá, na localidade onde Augusto de Leverger, o “Barão de Melgaço”, organizou a defesa contra a invasão do Paraguai, que intentava ocupar as terras de Mato Grosso, foi-se consolidando a pequena vila, hoje cidade de Barão de Melgaço.



Vista aérea de Barão de Melgaço/MT - 2011

Neste interregno surge um homem determinado a fincar no lugarejo a semente espírita. Em 27 de

fevereiro do ano de 1917, o senhor Jerônimo, juntamente com outros denodados seareiros, funda o Centro Espírita “Francisco de Assis”, que até hoje é um verdadeiro pórtico de consolação para a população da cidade.

XVIII

- Em Cidade Branca de Corumbá

Não conseguimos lograr êxito sobre dados positivos da fundação de uma instituição espírita nesta cidade antes do ano de 1924, muito embora saibamos que grupos familiares se reuniam antes dessa data. Pelos dados que obtivemos, ficamos sabendo que, em 1924, foi fundado o Centro Espírita “Bezerra de Menezes”, tendo à frente os seus idealizadores e fundadores: Abdon Urt, José Resim Machado, Antônio Garcia, José da Silva Juruena e Ciríaco de Toledo. Posteriormente a esse ano, foram aparecendo outras agremiações espíritas como por exemplo: “Progresso da Alma”, “Bittencourt Sampaio” e “Pai Domingos”. As casas eram dirigidas pelos seguintes senhores: Generoso de Almeida, Esperidião Alexandre Silva e Manuel Florença, respectivamente.



Portal de Corumbá, a cidade branca - 2012

XIX - Em Cuiabá

Já conhecemos como nasceu o Centro Espírita de Cuiabá. Agora vamos tentar mostrar como foram surgindo as outras instituições na Capital dos mato-grossenses. Não conseguimos dados pormenorizados quanto ao início do grupo espírita liderado pelo Vicente Montezuma, mais sabemos que já em 1924 ele realizava sessões em sua própria residência na Praça Governador Rondon (antiga Praça da Mandioca); sabemos que o Praeiro chegou a assistir a algumas dessas reuniões. Quanto ao Centro Espírita "Ismael" (onde o nosso Peregrino despertou a consciência nos idos de 1929), sabemos que, em 1924, também já existia em pleno funcionamento.



Entrada do C.E. Cuiabá - 2011

Fazendo uma rápida digressão, assinalamos que, em 1931, após as mensagens mediúnicas dos pais, Praeiro se tornou frequentador dos trabalhos dirigidos por Montezuma, que, na época, já havia mudado o endereço para a Rua Cândido Mariano. Em dezembro desse ano, Praeiro teve que se matricular no curso de educação física do Exército. Antes, porém de seguir para a Escola, do Rio de Janeiro, reuniu-se no lar com Montezuma e sua esposa, que era uma excelente médium, e resolveram realizar uma sessão mediúnica. Seus pais se manifestaram exortando-o ao estudo. Sua mãe sabendo que não levaria a esposa para o Rio de Janeiro, pelo fato de estar gestante e com sua filha Doralice com apenas dez meses, disse-lhe entre outras confortadoras palavras, prevendo a desencarnação de Adelina: - “Meu filho, Deus há de amparar a sua família. O seu pai, conhecendo os futuros acontecimentos que lhes estavam reservados, transmitiu palavras de estímulo e consolação, dizendo: - ‘Meu filho, tens que viver muito!’” e repetiu-as ao se despedir. Evidentemente estas palavras lhe causaram espanto; contudo, guardou-as no escrínio do peito, ciente de que elas lhe valeriam como peso de ouro no porvir.

Em janeiro de 1932 transferiu-se para o Rio de Janeiro para matricular-se na Escola de Educação Física do Exército. Chegando ao Rio, conheceu um colega cuiabano, que, por sua vez, sabendo-o espírita convidou-o para ir ao Centro Espírita “Antônio de Pádua”, situado na Praça Santos Dumont, bem próximo ao Jardim Botânico, casa espírita que passou a frequentar com regularidade.

XX

- Em Campo Grande

Após ter lutado na Revolução Constitucionalista, Praeiro reiniciou as suas aulas na Escola da Urca e concluindo o curso, regressou a Mato Grosso. Apresentou-se no Quartel General em Campo Grande. Aí conseguiu com o inspetor do "tiro de guerra", Capitão João Alberto Zorrão, ser designado para o Liceu Cuiabano para lecionar. Na ocasião, porém teve problema com o retorno. Em 1933, quando o General Milton Cavalcante, comandante da 9ª Região Militar, soube de sua passagem por Campo Grande, radiografou para o seu comandante do 17º Batalhão de Caçadores para que suspendesse a ida dele. Apresentando-se ao General Nilton, este lhe determinou assumir a condenação da Educação Física dos Colégios de Campo Grande e da Liga Esportiva da Cidade. Assim sendo, passou a ministrar Educação Física nos colégios: "Dom Bosco" e dos Salesianos e "Maria Auxiliadora". Apesar de espírita, foi muito bem-aceito pelos companheiros católicos dessas instituições. Certa manhã, no hotel onde se hospedava, apareceu-lhe a frente um homem que se chamava Constantino que fazia a distribuição de "O Reformador" da Federação Espírita Brasileira. Que surpresa! Movido de imediata alegria, indagou aquele senhor:

- És espírita?

- Sim, respondeu-lhe o visitante.



Campo Grande/Mato Grosso do Sul - 2012

Daí por diante tornaram-se grandes amigos. Constantino detalhou-lhe a panorâmica doutrinária campo-grandense. Na cidade, morava um casal de idosos cuja filha era médium de acentuada sensibilidade e decidiram visitá-los. Estabeleceu-se desse contato inicial uma forte amizade entre eles e, a partir desses vínculos, o casal foi convidado para realizar sessões mediúnicas, em que aconteceram algumas comunicações interessantes e confortadoras, porquanto estimuladoras.

Nesse grupo, apareceu o senhor Ítalo que, como espírita, ofereceu a sua garagem para as sessões de trabalhos espirituais. Nessa conjuntura, chega ao grupo uma mulher de conduta moral irregular e por isso não era conduzida às casas de família. Contudo, essa irmã era possuidora de uma notável sensibilidade psicofônica e, por diversas vezes, foi aconselhada a mudar de vida, renunciar à luxúria e à sensualidade. Tanto fizeram em favor daquela irmã invigilante e equivocada que, certa feita, seu pai se manifestou

através dela mesma, agradecendo emocionado o apoio moral dispensado a ela.

Em 1933, ainda em Campo Grande, antes de retornar a Cuiabá, teve um sonho interessante. Sonhou com Antônio de Pádua, e, muito embora não o visualizasse, ouvia as suas palavras que lhe diziam, entre outras coisas sobre a sua missão em quatro cidades de Mato Grosso.

XXI

- A propósito das missões

Sem nos reportarmos, por enquanto, à semente que cresceu em Campo Grande plantada por seu amor, relataremos de maneira reduzida a concretização das quatro missões previstas por Antônio de Pádua.

Em outubro de 1933, por determinação do Comando da 9ª Região Militar, retornou a Cuiabá a fim de dar continuidade às orientações sobre educação física nos colégios cuiabanos, entre eles: Liceu Cuiabano, Colégio Escola Modelo de Barão de Melgaço e Escola Normal Pedro Celestino. Em Cuiabá, foi residir com o seu sogro Arnaldo de Matos, onde já morava a sua filhinha Doralice. Em verdade, ele sofria profundamente a distância que o mantinha ausente do lar desfeito. Entretanto, agora ao lado da primogênita sentia-se mais robustecido e confortado.

Na casa do sogro, que residia na antiga "Caixa D'Água Velha", (atualmente a Rua Arnaldo de Matos, aliás, nome sugerido pelo próprio Praeiro quando laborava na Prefeitura, para homenagear o pai de sua esposa), logo na primeira semana convidou os seus cunhados e sogros para a prática do culto do Evangelho no lar; posteriormente, convidou também os moradores das circunvizinhanças. Na sequência do culto, introduziu a evangelização da infância com êxito absoluto. Alguns meses depois, encetou as experiências mediúnicas e logo o seu cunhado Flávio

começou a psicografar as mensagens. Nessa oportunidade, D. José Antônio dos Reis (primeiro bispo de Cuiabá) se comunicou através do Flávio, exortando a todos para os trabalhos, dando largas ao estímulo evangélico-mediúnico. Concomitante a esses fatos, Praeiro adotou a aplicação do passe magnético com resultados surpreendentes e, nessa panorâmica, a casa do velho Arnaldo se tornou pequena ante o fluxo de pessoas doentes à procura da melhora física e espiritual. Ressalte-se que esses trabalhos ocorreram no dealbar do ano de 1933.

Esses fatos estavam em perfeita consonância com os avisos de Antônio de Pádua, se constituindo a primeira tarefa. Segundo ele nos narrou certa vez, nessa missão antevista em sonho, se via tentando se aproximar de uma doente sem lograr sucesso. No sonho, sentia que não andava, mas deslizava sobre o solo e percorria as ruas onde eram colocados os doentes que deveriam receber os tratamentos. Porém, uma doente ele não conseguia tocar, apenas ouvia uma voz que lhe sussurrava: "Essa não pode ser curada." Realmente, no bairro da Caixa D'Água velha, no fundo da residência de seu sogro, morava uma pessoa paralítica de nome Fortunada, e, na pretensão de querer curar todo mundo, devido à presença da imaturidade doutrinária, posse a lhe aplicar passes, tendo, contudo, somente conseguido melhorar-lhe um pouco o quadro espiritual. Tempo mais tarde, Fortunada desencarnou.

Praeiro recebeu uma ordem de ir para Corumbá, mas antes de embarcar para lá, no grupo que liderava,

se achegou o senhor Alexandre Nunes Olegário, médium bastante equilibrado que muito o auxiliou nas tarefas doutrinárias. Com a casa repleta e trabalhos a todo vapor, especialmente na área de assistência aos necessitados, e sustentado espiritualmente por José dos Reis, quando tudo corria bem a olhos vistos, eis que recebe ordem para se transferir para Corumbá e assumir o cargo de instrutor da Escola de Instrução Militar e de professor de educação física do Colégio Maria Leite. O certo é que essa determinação de transferência o entristeceu, até porque teria que deixar os trabalhos e os companheiros que lhe seguiam os passos. Uma coisa, todavia, lhe entusiasmava: é que na noite posterior à ordem recebida, nos trabalhos mediúnicos, recebeu uma mensagem de uma entidade que se identificou como “José de Arimateia” que o exortou ao bom ânimo e que fosse cumprir a sua missão em Corumbá, pois muito em breve estaria de retorno.

Em janeiro de 1935, seguiu finalmente para Corumbá. Em lá chegando, percebeu que na cidade somente existia uma casa espírita. Era o centro Espírita “Bezerra de Menezes”, o qual passou a frequentar, assumindo dias depois a direção dos trabalhos da instituição.

Sempre depois dos trabalhos profissionais, dedicava o restante do tempo ao atendimento às famílias carentes e a todos que o procuravam. Como passista, atendia regularmente nas favelas, levando o seu magnetismo de fraterna amizade, suas palavras dúcidas e simples com que a todos conquistava, em

face de sua postura eminentemente cristã. A sua retórica era de sabedoria, porque proclamava permanentemente a força do amor e da humildade.

Em agosto recebeu mais um dos “famosos” radiogramas do seu chefe, notificando-o para retornar a Cuiabá e reassumir as suas funções antanho exercidas.

De volta à “Cidade Verde”, imediatamente reiniciou as suas labutas doutrinárias. Em dezembro, já despreocupado com a possibilidade de qualquer transferência, eis que recebe uma nova ordem do Comando da Região (9ª RM) para seguir a Nioaque e lá organizar o “tiro-de-guerra”. Mais uma vez os seres que regem os nossos destinos lhe adiantam que ele ficaria por pouco tempo nesta cidade e que em brevíssimo tempo estaria retornando à capital de Mato Grosso.

Em janeiro de 1936, embarcou para a cidade de Nioaque e lá detectou que não havia sequer um espírita, decorrendo daí a sua sensação de larga solidão. Todavia, tinha os seus livros para se plenificar, tinha os remédios homeopáticos e outros apetrechos de “guerra” para derruir o homem velho. A sede do “tiro-de-guerra” era na própria prefeitura, onde estavam os armamentos e munições para levar a efeito os adestramentos militares. Aí, na prefeitura, conheceu o secretário do Prefeito que lhe indagou: “O senhor é espírita e aplica passes?”

– Perfeitamente, respondeu Praeiro.

Após esse contato, o secretário levou ao

conhecimento do Prefeito a realidade religiosa do instrutor. O mandatário maior da cidade sofria profundas deficiências na visão e recorreu ao passe do fervoroso militar. Resultado: o Prefeito sentiu-se melhor da visão e espalhou pela cidade a façanha. Devido a esse fato todos da cidade começaram a procurá-lo, mormente as crianças carentes e os resultados dos atendimentos foram singulares. Somado a esse desvelo, Praeiro ainda distribuía gratuitamente os remédios homeopáticos que possuía, o que aliviou muitas dores por aquelas bandas. Para corroborar essa assertiva, sabemos de outro caso de uma criança parálitica de uma perna que, ao sabor dos passes continuados, aplicados pelo “Aristóteles”, ficou totalmente restabelecida.

Outro fato aconteceu em Nioaque. O Prefeito, satisfeito com a melhora da visão e observando que Praeiro precisava de um local apropriado para atender os doentes que acorriam a ele, ofereceu a sua própria residência para os atendimentos. Desta forma, todas as noites, na casa do Prefeito, o “forasteiro divino” curava, aliviava e divulgava o Evangelho de Jesus à luz do Espiritismo.

Numa dessas reuniões, se surpreendeu com as presenças do Juiz de Direito da Comarca que se fazia acompanhar de sua esposa, do Delegado de Polícia, do coletor e dos interessados nas consultas.

Transcorridos alguns meses após esses trabalhos, Praeiro, o Prefeito e a esposa, o Coletor e uma médium deram início aos compromissos na área mediúnica, cujos resultados foram surpreendentes,

visto que a filha do Prefeito, desencarnada há algum tempo, se manifestou; o que determinou uma postura mais entusiástica do Chefe da cidade. Essa proximidade entre eles estabeleceu um movimento intenso para a fundação do Centro Espírita Nioaquense.



Praça em Nioaque/MS – 2011

Esta se caracteriza como a terceira missão antevista no sonho com o espírito que se denominou “Antônio de Pádua”.

No dia 29 de abril de 1936, nosso peregrino das terras pantaneiras recebeu nova ordem para retornar para Cuiabá para a continuação das aulas nas escolas cuiabanas. E no mês de maio mobiliza-se para a volta. Porém, antes de chegar a Cuiabá, a sua passagem por Campo Grande era obrigatória, uma vez que tinha que se apresentar no Quartel General. Aí chegando, já à noite, pôs-se a procurar os amigos de outrora das reuniões doutrinárias. Esses companheiros eram o Constantino e o Ítalo que, juntos, laboraram bastante na área mediúnica três anos antes.

Apenas como detalhe sobre o que já tivemos oportunidade de assinalar anteriormente, esclarecemos que o Constantino, que era proprietário de três imóveis destinados ao aluguel para mulheres solteiras (prostitutas), naquele dia recebeu a honrosa visita do “bravo de Lorena” e qual não foi a agradável surpresa do Tenente Praeiro ao deparar-se com aquelas casas, antanho utilizadas para a perdição, agora transformadas em reduto de oração; em outras palavras, no Centro Espírita “Discípulos de Jesus”, primeira casa Espírita de Campo Grande e hoje sede provisória da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso do Sul.

De retorno a Cuiabá, eufórico, Praeiro uniu-se ao amigo Manoel Miraglia, com quem, a partir de então, começou os seus labores na instituição fundada por Viana de Carvalho, o Centro Espírita de Cuiabá, no calçadão.

Após cinco anos de viuvez, vivendo castamente, decidiu casar com a sua cunhada Flavina de Matos, isso no mês de junho de 1937, com a qual teve nove filhos. São eles: Adelino Messias, Maria Auxiliadora, José Arnaldo, Alcione, Zaída Izabel, Esmeralda (desencarnou aos cinco meses em 1947), Anice, Vilma, e, finalmente, Aristotelino Alves Praeiro Filho.

Prosseguindo suas missões, no mês de abril de 1938, recebeu um radiotelegrama dos superiores dando-lhe a notícia sobre a promoção para o posto de Subtenente, sendo classificado para o Segundo Batalhão de Fronteira que era sediado em Cáceres. Desta forma, em 29 de junho teve que rumar para a

“Princesa do Paraguai”, aliás, cidade que ainda não conhecia e, para a sua alegria, detectou ali o cumprimento da quarta missão.

Após a viagem cansativa, chegou a Cáceres no dia 25 de julho, portanto quase um mês depois e vale frisar que esta cidade dista aproximadamente 200 quilômetros da Capital dos mato-grossenses, isso para se ter uma pálida ideia do que atravessou na vida o nosso personagem. Mas, continuando, como se não bastasse, chegando aí, à noite desse mesmo dia foi, pela primeira vez, ao Centro Espírita “Mateus”, onde encontrou o senhor Armando Granja, Presidente da Instituição. No primeiro contato que teve com Granja, este lhe informou que corria notícia na cidade sobre a sua transferência para localidade e o propagador da notícia alertava que todos tivessem cuidado com ele, o Praeiro, visto que se tratava de um espírita muito perigoso. Porém, já na noite subsequente, Granja entrega a direção dos trabalhos ao “temido” cuiabano.

À medida que o tempo se esvaía no dédalo do dia a dia, agora na direção do “Mateus” e tendo o seu nome corrido chão no espaço cacerense, em verdade muito o queriam conhecer e se aproximar do ilustre espírita de outras terras. Inclusive, muitas autoridades se aproximavam dele, como já acontecera em outras instâncias. Dentro do princípio de que a docilidade aproxima os seres, e ante a sua postura eminentemente dócil e pacífica, acabou atraindo para si a convivência do Juiz, do Promotor, do Comandante do Batalhão e do Delegado de Polícia. A respeito do Comandante do Batalhão, sabemos que a sua filha foi

curada pelo “peregrino pantaneiro”, agora se deliciando junto às paisagens reais da orla do Pantanal.

A partir de sua chegada ao centro Mateus, a procura a essa Casa que foi gigantesca e, como na época Praeiro contava apenas 36 anos de idade, isso significava que ele tinha energia de sobra para espargir. Destarte, os trabalhos doutrinários ganharam um fortíssimo impulso.

Diversas pessoas atormentadas pelas trevas eram devidamente atendidas por ele, inclusive muitas vezes foi alvo de soezes perfídias somente porque tentava ajudar as senhoras obsidiadas da sociedade cacerense. Em face das perturbações que afloraram de inopino, especialmente através de três médiuns atormentadas que por várias vezes agitaram as reuniões públicas do Centro, Praeiro se tornou objeto de acirradas críticas e estreitas perseguições, chegando ao ponto de pessoas cruzarem o seu caminho e gesticularem o chamado “sinal-da-cruz” por considerá-lo causador da eclosão de fatos inusitados no campo das manifestações mediúnicas. Portanto Cáceres estava em polvorosa.

O assunto em todos os recantos versava sobre o forasteiro espírita que levou para a cidade os tormentos psíquicos. A bem da verdade, o fato é que o temiam por considerarem a sua presença perigosa; evitavam-no e o acusavam como o provocador do frenesi que campeou em algumas pessoas. Mobilizaram-se a fim de engendrarem um abaixo-assinado para afastá-lo de Cáceres. Recorreram ao delegado de polícia exigindo o fechamento do

“Mateus”, entretanto, ele não os atendeu, porque ambos eram grandes amigos. Não desistindo, foram ao delegado militar, mas este lhes estampava o semblante de discordância, mostrando-lhes a incongruência do pedido por ser o Praeiro um homem digno e, portanto, um homem de bem. Ainda acorreram ao comandante do destacamento militar, o Capitão Gastão Nunes da Cunha e esse, por sua vez, também enaltecia o nome do peregrino matogrossense e instou em não lhes atender.

Nessa panorâmica, quando Praeiro julgava que a poeira tinha abaixado e a tempestade acalmada, eis que foi chamado para dar assistência a uma médium desequilibrada em sua residência. O fato é que naquele dia essa pessoa ficou incorporada várias horas por espíritos zombeteiros que a obrigaram a sair à rua horas antes e a induziram a se jogar no Rio Paraguai. Sendo salva por alguns “curiosos”, acabou-se tornando alvo de chacotas como: “ESSE É ESPÍRITO DE JACARÉ”, diziam no auge da impiedade jocosa. Após esse episódio, já em seu lar, Praeiro procurou ajudá-la e, nessa circunstância, acabou tendo que doutrinar um espírito que se denominava como Lampião, que na época havia sido morto no Nordeste. Por dois dias teve que atender a médium que também incorporou uma entidade que se identificava como Maria-Bonita. Quanto ao Lampião, Praeiro nos disse que o cangaceiro não era tão perverso quanto diziam, inclusive este espírito contou-lhe a sua infeliz trajetória, detalhando as peripécias pelos sertões e os terríveis morticínios, culminando na sua desencarnação.

Em dezembro de 1938, utilizando-se dos compartimentos do Centro Espírita Mateus, Praeiro iniciou o que ele denominava de "Natal dos Pobres", em que eram distribuídos alimentos para os carentes em homenagem a Jesus. Mesmo debaixo das proibições dos sacerdotes da cidade para a comunidade não ir ao "Mateus" para buscarem os donativos, os "fiéis desobedeceram e acorreram ao local de distribuição onde receberam das mãos sacrossantas do próprio idealizador do trabalho roupas e alimentos." Até o final de sua encarnação Praeiro realizou esse trabalho, e tivemos a oportunidade de participar de três "Natal dos Pobres" e podemos afirmar que mais de mil pessoas receberam um farto farnel de mantimentos, especialmente os idosos que por mais de cinquenta anos acolheram essa dádiva sublime na forma de pão. Ainda em Cáceres, ele se utilizava dos recursos do passe magnético para aliviar os doentes, entregando-lhes sempre uma fórmula homeopática e, agindo assim, o nosso cuiabano foi conquistando toda a comunidade da "Princesa do Paraguai". Sobre um fato interessante ocorrido em Cáceres, lembramo-nos de D. Ana, uma médium que merecia uma atenção muito especial, haja vista ter sua faculdade de psicofonia afluído de forma acentuada, a ponto de obrigar Praeiro a levá-la para casa sempre, albergando-a das investidas persistentes dos faltos de luz. Certa noite houve uma comunicação estranha através de sua psicofonia e Praeiro se surpreendeu. Não era, a rigor, uma comunicante agressiva e se detectou de imediato tratar-se de uma pessoa encarnada que muito hostilizava o Tenente,

afrontando-o sempre e considerando-o uma pessoa altamente nociva, perigosa à sociedade. Com a sua habitual serenidade, indagou à manifestante por que tinha tanta ojeriza por ele? Por ter medo do Espiritismo, explicou a comunicante com uma larga dose de fé cristalizada. Após a doutrinação desse espírito encarnado, ele se retira já com uma nítida predisponência para não mais alimentar qualquer aversão ao Tenente, o que realmente veio a ocorrer, haja vista que esta pessoa até passou a cumprimentá-lo. O curioso é que, a partir desse lance, vários outros encarnados se manifestaram de forma espontânea através de D. Ana e, desse jeito, Praeiro foi convencendo a todos da inutilidade das animosidades, incluindo no rol das manifestantes certo médico da cidade que o detestava.

Esses fatos consagrados na sua veracidade, além de interessantes, criaram um ambiente favorável à própria inversão de clima de antagonismos gratuitos e azedumes contumazes tais as desconfianças em relação à pessoa do irrepreensível Praeiro. Como decorrência desses fatos fenomênicos, a população cacerense já rogava a Deus para a sua permanência na cidade.

Em agosto de 1946, Praeiro deixa a cidade de Cáceres convencido de que vencera a sua quarta missão antevista na mensagem de Antônio de Pádua. Foi, sem dúvida, uma tarefa aspérrima, até porque, bem no início da missão na cidade de Cáceres, ou seja, de 1938 a 1940, teve que se privar da companhia da família. Em outras palavras, ficou simplesmente dois

anos sem ver os próprios filhos, o que não foi nada fácil para ele.

Bem, após esse período de oito anos ausente de Cuiabá, eis que recomeçam os trabalhos doutrinários na casa do sogro, onde permaneceu até 1948, quando se mudou para a sua residência situada na Rua Marechal Deodoro. Para aí transferiu todos os trabalhos que promovia na casa do querido sogro.

Nesse momento, Praeiro também começou a ajudar o seu amigo Miraglia no “calçadão” (como é conhecido o centro Espírita de Cuiabá) e, a partir de 1950, transferiu todos os trabalhos que realizava em casa para o Centro da Galdino Pimentel, isso porque neste ano foi eleito para Presidência, onde, a partir de então, procurou adotar os seus métodos de trabalho.

Todas as segundas-feiras eram destinadas às sessões práticas da mediunidade; quartas-feiras eram para a educação da mediunidade; as sextas-feiras eram programadas para sessões doutrinárias e passe-magnético; os sábados eram destinados à reunião da Mocidade e, finalmente, aos domingos, realizavam-se as aulas de evangelização da infância. Também estabeleceu a criação da Livraria Espírita, que, à guisa de papelaria onde se vendiam materiais escolares, tinha como escopo atrair os compradores e oportunizar a venda das obras espíritas. Posteriormente, foi fundada a Farmácia Homeopática, onde eram vendidos remédios a preços baixos. Desta forma, o objetivo estava sendo alcançado e a população bem atendida e o Espiritismo sendo bem difundido. Acresce a tudo isso a construção da escola de evangelização infantil,

concomitante com a implantação dos trabalhos de distribuição dos alimentos à comunidade carente de Cuiabá.

Praeiro consagrava o tempo de que dispunha ao Centro Espírita de Cuiabá e, sem dúvida, hoje a Instituição se caracteriza como o polo mais importante do movimento Espírita mato-grossense e isso é o puro reflexo do bom trabalho que ele empreendeu, cuja semente germinou e cresceu e os bons frutos são das fileiras espíritas de Mato Grosso.

Atualmente, o Centro Espírita de Cuiabá está passando por grandes remodelações no campo material, até porque a média de frequência mensal deve chegar à casa dos mil e quinhentos frequentadores. Queira Deus! Continue essa Casa espargindo os dúcidos perfumes de um trabalho profundamente honesto que Aristotelino Alves Praeiro implantou com dedicação e fraternidade, amor e humildade.

XXII

- Os primórdios da Federação Espírita de Mato Grosso

Corria o ano de 1956 e o Coronel Duílio Lena Berni, que servia na cidade de Campo Grande, veio a Cuiabá à procura do Praeiro para consultá-lo sobre a ideia da fundação da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso. Ele se interessou, achando uma excelente ideia e concordando plenamente com a sede serem Campo Grande, até porque essa era a grande aspiração dos campo-grandenses. Inclusive, na cidade, já existiam diversos centros espíritas, tais como: Discípulos de Jesus, Fé, Amor e Caridade, Fraternidade Espírita Educandário, União Espírita Pedro de Alcântara, Castro Alves e Ismael.

Duílio Leal Berni, favorecido pelo transporte aéreo do Exército Brasileiro, teve oportunidade de visitar muitas cidades e, dentre outras, Ponta Porã, Dourados, Três Lagoas, Bela Vista, Corumbá, Rio Verde, Aquidauana, Miranda, Termos e Nioaque. Nesses deslocamentos teve o necessário contato com as casas espíritas e convidou a todas para participarem da fundação da Federação Espírita do Mato Grosso.

Porém, antes desses acontecimentos, Praeiro foi ao Rio de Janeiro para conversar com Antônio Wantuil de Freitas, Presidente da Federação Espírita Brasileira para se inteirar quanto à criação da federação estadual com a devida sede em Campo Grande. Wantuil lhe deu

ciência de que a sede da Federação tinha que ser na Capital, logo, em Cuiabá, conforme o estatuto da FEB determinava. Assim, sem outra opção, Praeiro se engajou na luta pela implantação da Federação Espírita de Mato Grosso que já ia caminhando em processo acelerado pelas bandas de Campo Grande.

Para tentarmos minudenciar alguns tópicos importantes quando à fundação da Federação, relataremos alguns fatos relevantes que encontramos em documentos da época.

Vinha de vários anos a ideia de uma reunião dos espíritas de Mato Grosso, cujo objetivo precípua era o conagraçamento de todos.

Pelo que soubemos, já em 1949, trocavam-se cartas um espírita de Campo Grande e o Presidente da FEB. Essa teria sido a primeira semente lançada, que demandou algum tempo para germinar.

Em 1953, por proposta da Fraternidade Educandário, realizou-se uma reunião de diretorias das casas espíritas de Campo Grande para tratar do assunto Federação, de acordo com documento que possamos a transcrever:

Aos seis dias do mês de junho do ano de 1953, na Secretaria do Centro Espírita Discípulos de Jesus, nesta Cidade por iniciativa e convite de Onésimo Faria, Presidente da Fraternidade, Espírita Educandária, reuniram-se os diretores das seguintes instituições: Fraternidade Espírita Educandária, Centro Espírita Discípulos de Jesus, Centro Espírita Ismael, Vivenda Cristã Espírita, Centro Espírita Castro Alves e Núcleo de

Campo Grande da Cruzada dos Militares Espíritas, a fim de estudarem a possibilidade da realização do Primeiro Congresso da Federação Espírita de Mato Grosso, objetivando a fundação da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso. Depois de ampla e franca discussão em torno de assunto, prevaleceu a ideia de realizá-lo em junho de 1956, começando os trabalhos preparativos em julho de 1955. Foi aceito o seguinte esquema de composição da comissão Organizadora de Congresso: Presidente, Secretário-Geral e Tesouraria a Campo Grande; Primeiro Secretário, Vice-Presidência e Primeira Secretaria a Cuiabá, Segunda Vice-Presidência e Segunda Secretaria a Corumbá; cabendo outras Secretarias a outras cidades de Mato Grosso.

Prevaleceu, ainda, a ideia de fazer-se outra Assembleia nos primeiros dias de julho de 1955 para serem estudadas as formas de entendimento com os demais centros espíritas das outras cidades mato-grossenses. Esteve, ainda, presente o Centro Espírita Fé, Amor e Caridade. Estabeleceu-se, também, que a reunião é de Assembleia de Diretores de Entidades Espíritas de Campo Grande, cuja presidência esteve a cargo de Onésimo da Costa Faria e devidamente secretariada por José de Almeida Faro. Ainda participaram dessa histórica reunião as seguintes pessoas: Maria Edwiges Borges, Hormínio Pereira Mendes, Sebastião Braga, Deolindo Vendramini, Constantino Lopes Rodrigues, Teodomiro Leite de Melo, Manoel Inocêncio de Oliveira, Maria Ribeiro Serra, Lázaro de Brito, Jaime M. Costa, Ed Osório, Diogo Malheiro, Expedito Antônio de Barros, José Cândia Primo e Raul Ril Pitton.

Em fevereiro de 1955, o jornal "Mato Grosso Espírita", posteriormente órgão de difusão da FEEMT, e na época instrumento de divulgação da Fraternidade Espírita Educandária, estampava a seguinte nota:

Mato Grosso ainda não está representado no Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira. Tal fato parece incapacidade dos espíritas mato-grossenses de se organizarem; entretanto, não é bem isso. Acontece que todos os centros do Estado e também os espíritas individualmente estão sobrecarregados de serviços decorrentes de problemas locais, cujas soluções estão em andamento.

Para Mato Grosso ser representado no Conselho Federativo Nacional é necessário primeiramente que haja no Estado uma instituição estadual. Ora, uma instituição estadual terá de ser criada por todos os espíritas do Estado.

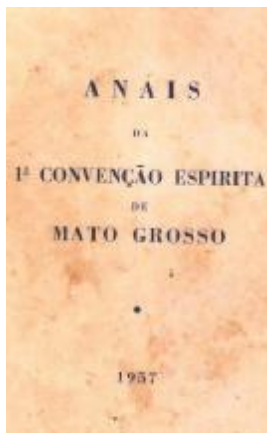
Portanto, o caminho certo é a realização do I Congresso Espírita de Mato Grosso, no qual participem todos os centros do estado. O Congresso é que terá autoridade para fundar a Coligação dos Centros Espíritas de Mato Grosso.

A partir deste número, este jornal abre discussão em torno do assunto a respeito do Congresso.

As correspondências relativas aos assuntos serão publicadas. Solicitamos apenas que os artigos sejam assinados. Assim vamos preparar o 1º Congresso Espírita de Mato Grosso. Fica aberta a "PÁGINA DO CONGRESSO ESPÍRITA."

Ainda em 1955, realizaram-se nos dias 27, 28 e

29 de agosto, na Federação Espírita Brasileira, três sessões extraordinárias do Conselho Federativo Nacional, com as presenças dos presidentes e outros dirigentes das Entidades Espíritas, de âmbito estadual e com a finalidade, previamente estabelecida em ternário, de dar cumprimento e maior amplitude ao Pacto Áureo de 05 de outubro de 1949.



Fac-símile da capa original dos anais para fundação da Federação

A revista "Reformador", da FEB, publicou no mês de outubro de 1955 as súmulas das respectivas reuniões que passamos a transcrever por achá-las assaz oportunas em alguns trechos: Ficou esclarecido que só um Estado ainda não completou seu processo de adesão. É Mato Grosso. Todos os outros já se acham com as suas situações regularizadas e com voz no "CFN".

"Ficou aconselhado que se promovesse reuniões estaduais das entidades municipais, para permutas de ideias e debates de assunto de interesse estadual ou

regional.”

“Ficou deliberado fazer-se mais intensiva divulgação do Esperanto e ficou constituída, no Conselho Federativo Nacional, uma comissão para executar essa deliberação.”

Achava-se presente, integrando a delegação do Rio Grande do Sul, juntamente com os irmãos Francisco Spinelli e Hans Von Marces, o confrade Duílio Lena Béni que ali tomou conhecimento da inexistência de uma Federação Espírita no Estado de Mato Grosso. Seis meses depois, no exercício de suas funções militares, Béni foi morar em Campo Grande movido do mais profundo ideal de levantar a questão nas hostes espíritas mato-grossenses. Portanto, já residindo em Mato Grosso (na época o Estado ainda não dividido) e frequentando o Centro espírita “Castro Alves”, numas de suas palestras, Duílio falou sobre o assunto, o que resultou no despertamento do interesse do público. Sabedor do fato, o senhor Onésimo o procurou em sua casa para que ambos liderassem a tarefa de inimaginável magnitude.

Nessa conjuntura, visitaram vários centros espíritas do município e, em virtude dos entendimentos havidos no decurso das visitas, Onésimo enviou às entidades um documento descrevendo a necessidade imperiosa de se realizar a 1ª Convenção Espírita Estadual.

A prévia foi marcada para o dia 18 de maio de 1956, no salão do centro espírita “Discípulos de Jesus”. O objetivo de tal trabalho era nomear uma comissão organizadora da Convenção. Com efeito, a prévia foi

realizada na data estabelecida e, na oportunidade, foi amplamente discutido o ternário sobre a convenção que materializaria a ideia da criação da entidade federativa.

Nesse contexto, ficou aprovado que as sociedades favoráveis indicassem três membros cada para comporem a referida comissão. Posteriormente, foi marcada outra reunião para o dia quatro de junho no mesmo local e, por necessidade de um registro histórico, assinalamos a seguir os nomes dos participantes desta reunião: Newton Mafra Castro, Herculano Tavares de Araújo, Benedito Dediche Borralho, Libório Rodrigues, Manoel Rosa Fernandes, Emílio Solapo Gomes, Diogo Malheiros, Petrônio Ribeiro Novais, Expedito Antônio de Barros, Onésimo da Costa e Faria, Duílio Lena Béni e Pelópidas de Medina Soares. Cabe ainda consignar as ausências dos Presidentes dos centros Espíritas “Discípulos de Jesus”, do Núcleo local das cruzadas dos Militares Espíritas e do Centro espírita “Ismael”, porque ambos consideravam inoportuno o movimento. Destarte, foi constituída de doze membros a importante comissão organizadora da Primeira Convenção Espírita de Mato Grosso.



Reunião Federativa em 1958. Em pé ao centro Aristotelino A. Praeiro (terno branco, gravata escura)

A partir desse momento entra em cena, com mais presença, a excelsa figura do peregrino cuiabano. No dia 13 de dezembro de 1955, seguiu para Campo Grande o nosso Tenente Praeiro para participar da Convenção. Chegando a esta cidade no dia 14, nesse mesmo dia, à tarde, reuniu-se com os convencionais na Escola Zamenhof, e um dos destaques desse inesquecível evento foi a presença do senhor Atlas de Castro digno representante da “Casa-Máter” do Espiritismo no Brasil. Após a abertura da Convenção, foi lido e efetivamente aprovado o Regimento Interno, e, na sequência, foi devidamente eleita e empossada a Mesa Diretora, isso pelo processo aclamatório. Cabe anotar, para dar ciência ao caríssimo leitor, os nomes desses escolhidos: Presidente: Atlas de Castro; 1º Vice-Presidente: Duílio Lena Bégni; 2º Vice-Presidente: Aristotelino Alves Praeiro; Secretário-Geral: Onésimo da

Costa Faria; 1º secretário: Diogo Malheiro; 2º Secretário: Walburgues de Almeida Martins e 3º Secretário: Edimilson Simões Lopes Conceição.

Vejamos como se deu a Sessão Solene Inaugural. No dia 14 de dezembro, às vinte horas e trinta minutos, foi instalada a Sessão Solene na Associação de Proprietários de Imóveis de Campo Grande, situada na rua dom Aquino, nº 339. Estavam presentes os representantes das casas espíritas mato-grossenses e as seguintes personalidades: o senhor Prefeito da cidade, Coronel Pedro Eugênio Pires, representante do General Comandante da Região Militar, Coronel Francisco Damasceno Ferreira Portugal, Comandante da Quarta Divisão de Infantaria, Tenente Acácio de Albuquerque e Castro, representante do Comandante da base aérea e Tenente Antônio Benedito da Costa Leite, representante do Comandante do Segundo Batalhão de Caçadores da Força Pública do Estado de Mato Grosso.

A solenidade foi aberta pelo representante da Federação Espírita Brasileira e, na sequência da Sessão, foi concedida a palavra para o Coronel Duílio Lena Bégni que dela fez uso com rara mestria, narrando de maneira hábil os fatos espíritas desde os primórdios. Discorreu sobre os fenômenos ocorridos na aldeia de Hydesville, no Estado de Nova Iorque, a partir da memorável noite de 31 de março de 1848. Traçou um belo perfil das garotas Fox que se tornaram nos Estados Unidos, juntamente com o extraordinário médium Andrew Jackson Davis, verdadeiras bandeiras que tremularam no mastro do novel espiritualismo

norte-americano. Emoldurou com retilíneas linhas de sabedoria os fatos que levaram o Mestre Lionês a encontrar respostas para todas as suas indagações filosóficas, científicas e, sobretudo, religiosas, culminando com a compilação das mensagens obtidas por importantes médiuns, através da qual nasceu para o mundo contemporâneo, exatamente em 18 de abril de 1857, a Doutrina, abrindo clarão para uma Era Nova.

Logo depois da brilhante palestra, aconteceu o chamado ATO DECLARATÓRIO, feito por todos os representantes das sociedades espíritas presentes que, de pé, pronunciaram o ATO declarando fundada a Federação Espírita do Estado de Mato Grosso.

No dia seguinte, foi realizada, na Escola Zamenhof, a sessão Plenária para se discutir e efetivar a aprovação do Estatuto que, após exaustivos debates, finalmente foi aprovado. Portanto, como um momento histórico importante, temos a data de 15 de dezembro, o marco da homologação da Carta Magna da recém-fundada Federação dos espíritas mato-grossenses. Para reforçar a importância desta data vejamos o que reza o Artigo nº 71 do Estatuto: "A PRIMEIRA ADMINISTRAÇÃO DA SOCIEDADE (FEDERAÇÃO), empossada neste ato, fica provida na forma seguinte: Presidente ARISTOTELINO ALVES PRAEIRO; Vice-Presidente - MANOEL MIRAGLIA; Secretário-Geral EDU XAVIER; 1º Secretário GRACILDES MELO DANTAS; 2º Secretário NELSON MIRANDA SANTIAGO; 1º Tesoureiro JOAQUIM JUSTINO DE SOUZA; 2º Tesoureiro CLODOALDO LIMA." Como adendo desse magnífico fato histórico dos anais

da Federação, ressaltamos o fato de Aristotelino Alves Praeiro permanecer na presidência da Federação Espírita de Mato Grosso até a sua desencarnação, constituindo-se, sem dúvida, num dos mais lídimos porta-vozes de Jesus entre nós, não obstante seja pouco conhecido fora das linhas limítrofes da terra que ostenta o Pantanal.

Voltando aos vanguardeiros de 1955, anotamos a Sessão Solene de Encerramento ocorrida em 16 de dezembro na Associação Proprietários de Imóveis, onde o confrade Raul Rio Pitthan fez a prece inicial e, ainda, onde nosso Praeiro, usando da palavra, assim se expressou:

“Exmas. Autoridades, Senhores representantes da imprensa, caríssimos confrades e congreiras.

Deus nos abençoe, Jesus o nosso Divino Mestre nos ilumine. Nesta divina Assembleia de amor, onde nos reunimos em nome do Cristo para concluirmos os trabalhos da fundação da Federação Espírita de Mato Grosso, estejam presentes os mensageiros da luz e do bem a fim de que seus doces eflúvios embalsamem os nossos espíritos e, fortalecidos pela misericórdia de Deus, possamos cumprir os sagrados deveres que nos são impostos pelo Criador e pela nossa consciência de homens cristãos.

Meus senhores e meus confrades, todos os Estados do Brasil já tinham a sua Federação Espírita organizada; restava o estado de Mato Grosso como o único sem a sua Federação. Graças à ajuda de Deus e aos esforços do confrade Cel. Duílio Lena Béni e seus companheiros, temos hoje a Federação de Mato

Grosso, que inicia os seus primeiros passos nesta grande obra de cristianização da humanidade.

O nosso querido Brasil é a terra da Promissão, a terra do Cruzeiro, coração do Mundo, a Pátria do Evangelho, e Mato Grosso, como parte integrante dessa imensa Pátria, não podia ficar indiferente, de braços cruzados, diante de tão nobre missão consagrada ao Brasil. Cristianizando o povo, educando-o, combatendo os vícios, a ociosidade e a mentira estaremos cumprindo o sagrado dever para com a família, com a Pátria e para com Deus.



Fac-símile da capa original dos Estatutos da FEEMT

Aproxima-se a consumação do 2º Milênio, a humanidade está vivendo horas sombrias, em consequência dos seus maus pendores – o egoísmo O orgulho e os seus satélites.

É imprescindível vencermos os grilhões que nos algemam, libertando-nos das nossas imperfeições. O principal objetivo do Espiritismo é o Cristianismo redivivo, é ensinar o homem a ser bom, honrado e

humilde, trabalhador e honesto; é combater o erro, o mal; é cultivar a verdade com amor a Deus e ao próximo, evangelizar a humanidade; educar a infância e a mocidade para que amanhã tenhamos uma Pátria forte, próspera e feliz e uma humanidade mais venturosa.

Recebo neste instante das vossas mãos o encargo de presidente da Federação Espírita de Mato Grosso, não por ser o maior entre vós, não por ser o mais esclarecido, mas por circunstâncias imperiosas de a Sede da Federação que, por força do Estatuto, dever ser na Capital do Estado e Cuiabá, a Capital de Mato Grosso, é o setor onde exerço as minhas atividades espirituais.

Recebo das vossas mãos esta tarefa espinhosa, de que me julgo incapaz de exercer, todavia, confio na ajuda de Deus, no amparo de Jesus e dos divinos mensageiros do amor que hão de me ajudar a levar a Cruz ao Calvário e não vos decepcionar de tão elevado compromisso.

Em nome de Deus, em nome de Jesus, em nome daquele que me guia os passos na vida terrena, assumo a Presidência da Federação de Mato Grosso e espero a cooperação dos meus confrades, em todos os setores de atividades evangélicas.

Sirva para nós o lema do inesquecível mestre Allan Kardec: Trabalho, Solidariedade, Tolerância.

Meus caríssimos, assumindo este compromisso lembremo-nos das palavras de Jesus: "AQUELE QUE QUISER SEGUIR APÓS MIM, TOME A SUA CRUZ,

RENUNCIE A SI MESMO E SIGA-ME”.

Portanto, cheios de fé, de ânimo e amor, caminhemos pela vereda santa traçada por Jesus, que os nossos espíritos sejam iluminados pela luz do Evangelho, a fim de que não sejamos assaltados pelas trevas que nos assediam.

Unamo-nos debaixo do paliam sagrado do amado Mestre entrelaçados pelos elos indestrutíveis do amor cristão e trabalhemos, cumprindo as determinações do Alto: **“IDE PREGAR O EVANGELHO A TODA GENTE”.**

Não nos esqueçamos de que os nossos atos são as expressões mais eloquentes com que podemos testemunhar as nossas qualidades do Cristo.

Jesus nos ilumine e abençoe a humanidade inteira e que Ismael, o protetor do nosso Brasil, desfralde a sua bandeira de paz sobre as nossas cabeças e permita Deus que os seus divinos emissários lancem em todos os corações e sobre todos os lares paz harmonia e amor.

Estas foram as palavras do vanguardeiro maior, que deixa estereotipada a posterioridade, em sentido pleno de simplicidade, uma nota perfeitamente consonante com os ditames luminosos proclamados por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por fim, nessa Sessão derradeira da 1ª Convenção Espírita de Mato Grosso, após as inolvidáveis palavras do senhor Atlas de Castro, exatamente às 22 horas e 45 minutos, o senhor Walburgues de Almeida Martins proferiu a prece de encerramento do evento mais marcante do movimento

espírita estadual desde 1853. Para corroborar essa assertiva, buscamos uma manifestação do espírito Emmanuel que, através das incomparáveis mãos de Francisco Cândido Xavier, disse: – Meus amigos, Jesus nos abençoe.

Lembremos de que a assembleia programada é de organização e responsabilidade dos companheiros encarnados. Busquemos, assim, a inspiração do Senhor, através da oração, entrelaçando almas e sentimentos, corações e braços no serviço a realizar, na certeza de que não nos faltará o auxílio do Plano Superior.

Possuímos na obra kardequiana o nosso conjunto de diretrizes, todas elas com sólidos alicerces no Evangelho de Nosso Divino Mestre e Senhor. Não nos falta, desse modo, a orientação justa. É imperioso, pois, acima de tudo, a nossa disposição de algo a fazer, educando-nos através do trabalho incessante no bem, puro e simples, para que o nosso exemplo e a nossa palavra possam realmente educar.

Deus nos abençoe – “Emmanuel”.

Bem depois de transpormos tudo isso, dizemos que a Federação passou a funcionar com sede provisória nas dependências do Centro Espírita de Cuiabá. Esclarecemos que, posteriormente, todo o patrimônio do Centro foi doado à Federação. A partir de então, sob o comando sereno do Praeiro, a sede definitiva da FEEMT passou por algumas reformas, destacando-se como a mais importante a construção do Salão “Rafael Verlangieri” que comporta até mais de quatrocentas pessoas em dias de reuniões públicas.

Digno é de nota a perfeita sincronia entre as lideranças estabelecidas por Miraglia (Presidente do Centro) e Praeiro (Presidente da Federação), ambos no mesmo prédio.



Fachada da sede da Federação espírita do Estado de Mato Grosso – 2011

XXIII

- Lar Espírita “Monteiro Lobato”

Desde o momento em que se converteu ao Espiritismo, Aristotelino começou a alimentar a ideia e o forte desejo de fundar uma instituição que tivesse como objetivo o amparo integral à criança carente para que ele próprio pudesse educar os menores dentro dos princípios espíritistas.

Imediatamente após a fundação da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso, reuniu-se, em Cuiabá, um pequeno grupo de pessoas, dentre quais destacamos D. Maria de Lourdes Ribeiro Teixeira, para se discutir sobre a organização de um orfanato. O senhor Avelino Tavares, jornalista e escritor, levou-os a um bairro periférico, hoje Jardim Cuiabá, que na época era um grande matagal, para ofertar um lote de sua propriedade, que doou à Federação. Esse foi o marco inicial do local, onde funcionaria o “Lar”. Posteriormente, os lotes vizinhos foram comprados e doados à instituição pelo esposo de D. Maria Ribeiro. Porém, esses terrenos estavam um pouco indefinidos quanto à real localização e para se dirimir as dúvidas que pairavam sobre a questão de localização, entra em cena Manuel Miraglia, que, como Presidente da Câmara dos Vereadores, apresenta um projeto de desapropriação de todos os lotes, doando-os, em caráter irrevogável, à Federação Espírita, para a concretização dos intentos iniciais.



Manoel Miraglia

Após as reuniões de praxe, incluindo a própria assembleia que estabeleceu a oficialização do “Lar Espírita”, e a devida aprovação do Estatuto, começou-se uma intensa mobilização para a execução da tarefa mais difícil, que era a construção do imóvel. Além do Praeiro, a D. Maria Ribeiro também lutou com toda a força d'alma para a materialização da obra, até porque era ela a tesoureira do grupo e tinha que se virar para arranjar os recursos. Depois desses trâmites iniciais, buscaram a pessoa do Dr. Frederico Campos, que já foi Governador do Estado de Mato Grosso e que, muito gentilmente, elaborou o projeto, preparou a planta e fiscalizou toda a obra.

Como dissemos, não foi fácil ajeitar os recursos e para se angariar alguma coisa foram realizadas várias promoções, mas uma verdade deve ser dita: não faltou apoio de toda a sociedade cuiabana. Como exemplo desse apoio, lembramos o tenente Edu Xavier, que servia na cidade de Corumbá, na ocasião, e, tendo sido premiado pela Loteria Federal, doou todo o cimento da obra, Com espírito de profundo amor, ele próprio

comprou o cimento em Corumbá pelo preço de custo e arcou com a despesa de todo o frete, que foi por via fluvial, o que reduziu sobremaneira o preço do material.

Digno de nota também foi a portentosa ajuda do Comandante do 16º Batalhão de Caçadores (hoje 44º Batalhão de Infantaria Motorizada), que se empenhou sobremaneira para facilitar os transportes dos materiais de construção para o Lar Monteiro Lobato. Outros nomes ligados à história do Lar são do Major Meller e do Capitão Felipe Jorge (hoje é general). Ambos lideravam a Comissão de Estradas de Rodagens e, sempre que possível, auxiliavam no transporte de materiais de construção, quando do retorno dos caminhões de Parecis, onde estavam a frente do trabalho da aludida Comissão.



Lar Espirita Monteiro Lobato 1998

Nesse período, o Ten. Edu Xavier pediu transferência para a reserva remunerada, regressou

para Cuiabá e assumiu a direção dos trabalhos de construção do Lar. Por questão de justiça, reenfatizamos o nome de Maria Ribeiro que, sem dúvida, foi o braço forte na campanha de construção e se dedicou integralmente à Instituição, não somente na luta pela construção como também pela manutenção. Portanto, o carro gigantesco desta obra andou porque o imprescindível combustível chamado Maria Ribeiro estava alimentando o motor, ela que ficou à frente do Lar até 1976, quando entregou a direção para Pedro Piloni.

Praeiro, de vez em quando, nos dizia o seguinte: A construção do Lar teve seus percalços previsíveis, mas não foi tão difícil; o funcionamento é que deu “panos-para-manga”, em outras palavras, eram problemas sobre problemas, mas tudo foi superado e, hoje, o Lar Espírita Monteiro Lobato, além de conhecido de todos os cuiabanos, é o organismo de amparo à criança que tem a mais elevada conceituação dos eminentes juristas que laboram na área dos menores carentes.

XXIV

- Esclarecendo alguns fatos

Resolvemos formular algumas questões para serem respondidas pelo Presidente da Federação Espírita de Mato Grosso e eis na íntegra os esclarecimentos do Praelo:

1 - Sabemos que foste um dos articuladores da fundação da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso do Sul, com isso ocorreu e o que de fato aconteceu?

R: Realmente, quando ocorreu a divisão do estado de Mato Grosso, o confrade João Sanches procurou-me pedindo orientação para a fundação da Federação. Eu simplesmente passei a ele toda a orientação necessária e forneci-lhe também o modelo de estatuto e como deveria proceder no encaminhamento dos trabalhos para que tudo desse certo. Todavia, o Presidente da Federação Espírita Brasileira, Dr. Francisco Thiesen, nos termos do Estatuto Federativo, indicou a confradeira Maria Edwirges Borges para providenciar a fundação da referida Federação e deu-lhe todo apoio.

Convidado que fui para a inauguração, não desejei participar para não desagradar a nenhum deles, porque o confrade João Sanches ficara profundamente magoado.

2 - Quais as maiores dificuldades encontradas

pele movimento espírita mato-grossense antes da divisão geográfica do Estado?

R.: Muitas foram as dificuldades com que nos defrontamos antes da divisão geográfica do Mato Grosso. No Sul existiam dois centros em Corumbá, um em Ladário, dois em Aquidauana, um em Miranda, um em Nioaque, um em Bela Vista, um em Termos, dois em Ponta Porã, um em Três Lagoas, dois em Dourados e, finalmente, seis em Campo Grande.

Todos os centros eu visitei, exceto os da cidade de Miranda porque era inoperante, e os de B. Vista e Ponta Porã por falta de oportunidade. Campo Grande visitávamos uma vez por ano. Bianualmente realizávamos a confraternização dos Espíritas de Mato Grosso, notadamente com efetiva participação da mocidade. A totalidade dessas confraternizações foram realizadas no Sul. Nunca faltavam as críticas depreciativas ou não construtivas, todavia, não me sentia ofendido. Quando era criticado, por linhas travessas, lembrava-me de que Cristo, a PERFEIÇÃO, não satisfizera a humanidade; que podia eu esperar como homem imperfeito? Tranquilizava-me e continuava a carregar a minha cruz.

Com pouca experiência de administração, com poucos auxiliares, o Estado gigante e sem recursos financeiros, quase nada podia fazer. O primeiro Curso de Evangelizadores da Infância e Juventude fiz realizar em Campo Grande, para facilitar às casas do Sul, sacrificando os participantes de Cuiabá, Rondonópolis, Cáceres e Barão de Melgaço. Convidei a Cecília Rocha e Nélia, da Bahia, para ministrarem o Curso, pagando-

lhes as passagens. Colaboraram conosco os irmãos José Jorge, Rubens da Costa Romanelli e Divaldo Pereira Franco.

Graças à Providência Divina e ao amparo da espiritualidade pude vencer com paciência os problemas que surgiram, sem me desanimar. As lutas da FEB me serviram de estímulo. O que sofreram os confrades da Federação Espírita Brasileira, no início da sua organização, não foi fácil; a incompreensão, a ação dos inimigos da luz, que se prevaleciam das falhas dos imprudentes, causavam o desequilíbrio da organização iniciante. Chegou ao ponto de quase soçobrar o navio em alto-mar.



Federação Espírita do Mato Grosso do Sul

3 – Qual a sua opinião sobre o atual movimento espírita no estado?

R: Graças a Jesus e à plêiade de iluminados protetores espirituais, na atualidade, estamos vivendo um período de elevadas realizações. O movimento espírita mato-grossense vem-se desenvolvendo

satisfatoriamente. Felizmente, sinto-me amparado por uma equipe de companheiros eficientes, dedicados, cheios de boa vontade, que desenvolvem um trabalho promissor, dando um grande impulso na difusão da Consoladora Doutrina Espírita em Mato Grosso. Sabemos que somos os pequenos no contexto do grande movimento espírita brasileiro, todavia, esforçamo-nos para melhorar.

A penetração no interior do Estado, a evangelização da infância e juventude, o apoio às casas espíritas, a orientação aos dirigentes dos centros, a preparação de evangelizadores, o aprimoramento dos expositores, o estudo sistematizado, a educação da comunidade e a confraternização são os trabalhos realizados pela equipe federativa. Com a difusão dos livros espíritas, as palestras realizadas pelos elementos da Federação, na Capital e no interior, a presença de valorosos oradores na sede da Federação e também nas casas espíritas de todo o Estado, podemos afirmar que vamos muito bem com o movimento espírita estadual.

4 - O senhor tem observado algum progresso na participação da FEEMT juntam ao Conselho Federativo Nacional?

R: A participação da FEEMT na FEB é integral. Aliás, desde sua fundação, esta Federativa segue as linhas mestras ditadas pela FEB através do CFN. Já tivemos a grata satisfação de receber a visita do Presidente Dr. Francisco Thiesen, que, para nós, foi valiosa, pois a imagem da nossa Federação era muito apagada. Com a presença do Thiessen em nossa sede,

ele pôde aquilatar melhor a nossa realidade, pôde sentir o movimento espírita mato-grossense. Participamos de todas Zonais do Centro-Oeste; não faltamos a nenhuma reunião do CFN, inclusive a equipe do DIJ da FEB já esteve conosco diversas vezes, preparando novos evangelizadores. Como outros resultados de avanço, podemos destacar a implantação do estudo sistematizado; outra boa arrancada tivemos após a publicação do trabalho elaborado pelo CFN dando origem à obra “Orientação ao Centro Espírita” e finalmente o “Manual de Administração da Sociedade Espírita”.

5 - Como vê o atual movimento espírita brasileiro?

R: Não nos esquecendo das árduas lutas de Bezerra de Menezes, Manoel Quintão, Sayão e outros, é justo reconhecermos que a partir do “Pacto Áureo”, até o presente momento, o movimento espírita nacional tem sido uma constante caminhada, segura, na difusão da Doutrina Espírita, com Guillon Ribeiro na tradução das obras de Kardec e Wantuil de Freitas na consolidação da implantação da gráfica, o que aumentou as publicações dos livros espíritas. Com o surgimento das obras psicografadas pelo denodado irmão Chico Xavier cresceram vertiginosamente as obras consoladoras. O confrade Armando de Oliveira iniciou as campanhas das zonais. A FEB saiu ao encontro das federativas estaduais. O confrade Francisco Thiesen prosseguiu com os trabalhos do movimento espírita das zonais. Armando iniciou a construção da sede da FEB em Brasília e Thiesen deu

continuidade. O movimento espírita brasileiro transpôs as fronteiras e levou a mensagem do Mestre a outros continentes, através da presença da FEB, representada pelo seu Presidente e outros abnegados trabalhadores, tendo como lidimo porta-voz o dedicado confrade Divaldo Pereira Franco; portanto, grande é o movimento espírita nacional, que cresce de forma exuberante em todos os quadrantes da Pátria do Evangelho.

6 - Foste alguma vez alvo de ataques e perseguições gratuitas, por ser espírita?

R.: Felizmente nunca me senti ferido ou magoado com o menosprezo das pessoas que, por desconhecerem o Espiritismo, nos colocassem à margem como pessoa anormal e nociva à sociedade. Devido ao preconceito religioso nas cidades antigas, onde predominava o catolicismo, nas décadas passadas, sempre sentia o afastamento das pessoas com relação a minha família, mas sempre, por outro lado, as flores recebidas eram mais abundantes.

Certa manhã, recebi em minha residência a visita do Frei Roberto. Foi uma grande surpresa. Estabeleceu comigo um diálogo por mais de duas horas. Alimentava ele esperança da minha conversão ao Catolicismo. Citou várias passagens da Bíblia, confirmando a existência do inferno e de Satanás, as penas eternas, negando sempre reencarnação.

Desiludido, despediu-se muito cordialmente e nos tornamos amigos respeitáveis. Certa família de Cáceres, ciente da visita que me fizera o Frei Roberto, perguntaram a ele que tal o Tenente Praelo: "O

defeito dele é ser espírita”, respondeu o sacerdote. Fiquei satisfeito, pois esse é um defeito que desejo manter sempre.

7 – Tens algumas lembranças dos irmãos da primeira hora?

R.: Não me considero pioneiro, mas um simples voluntário que se incorporou ao Exército de Jesus, com o desejo de auxiliar os semelhantes. Encontrei a água cristalina do amor e matei a minha sede; a partir daí alimentei o desejo de que todos bebessem e fossem todos felizes.

Guardo lembranças da saudosa irmã Maria Joana de Oliveira, que realizava os trabalhos em seu lar, “Centro Espírita Ismael”, onde despertei pela palavra do amor do Grande Duque de Caxias, os saudosos irmãos Montezuma e a esposa de um deles, Perciliana, Manoel Miraglia e Alexandre Olegário Nunes. Permanece na terra ainda o irmão Manuel Juvenílio, com seus mais de noventa anos de idade, que reside na Travessa Caetano, no Porto.

8 – Já que falaste tanto em Duque de Caxias e sabemos da sua importância no teu despertar, já até falamos sobre ele neste livro, mas gostaria de saber a tua opinião sobre ele.

O Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro, foi o grande pacificador de nossa Pátria, o homem que transformava os seus adversários em amigos. Sofreu muitas injustiças, ingratidão; foi hostilizado pelos políticos do seu tempo. Quando venceu o exército

Paraguaio, entrando em Assunção, estava doente, passou o comando das tropas brasileiras ao General Carneiro e regressou ao Brasil. Ao chegar ao Porto do Rio de Janeiro, coberto de glória por ter vencido a Guerra, uma única pessoa foi recebê-lo: a sua esposa; nem Dom Pedro II, seu amigo, foi recepcioná-lo.

Desgostoso com tanta ingratidão renunciou à vida ativa do exército e da Política. Renunciou, também, a todas as honras a que tinha direito e pediu que seu ataúde fosse levado à sepultura por seis soldados rasos de bom comportamento.

Para mim ele é uma luz, é grande amigo e protetor espiritual; sempre está ao meu lado, conforme as revelações das médiuns videntes. Certa ocasião, na minha vida militar, quando eu estava sendo ameaçado ser punido, perseguido pelo Comando da Unidade, houve um verdadeiro milagre: sonhei com ele adentrando o quartel dizendo: “Vim defender o meu amigo”. Dias depois é designado um outro oficial para assumir o comando do batalhão. Esse militar, que servia em outra unidade, em outra cidade, tinha direito a trinta dias de trânsito. Este militar dispensou o direito e veio assumir o Comando dessa unidade em que eu servia, dois dias após a sua designação e, assim, o militar que estava ávido para me punir se afastou e fiquei livre daquela perseguição.

Duque de Caxias para mim representava a luz que iluminou o meu caminho, o amigo que me acordou do profundo sono em que me encontrava, veio me despertar, acordando-me para a Doutrina Espírita.

XXV

- E para concluir...

Concluindo o nosso despretensioso trabalho, sentimos que nos faltou o necessário tino literário para traduzir, de forma eloquente, o caminhar deste gigante, símbolo de Cristianismo que conseguiu ancorar no porto seguro da terceira Revelação após os ditames do “Pacificador” ou o Patrono do Exército Brasileiro; aliás, homem superlativamente atinado e cômico quanto a sua intransferível tarefa de evangelizador nas plagas terrenas, onde disseminou o amor em profusão.

Nossas artesanais elucubrações e nossa postura de pretense historiador a rigor se estribaram sobre as informações que Aristotelino Alves Praeiro nos forneceu durante um período de dois anos e meio. Longe de nós impormos qualquer ideia de catequização em cima da vida nobre e digna de um reconhecido cuiabano pacífico, que milita nos carreiros do Espiritismo há mais de seis décadas.

Nossa intenção é tão somente deixar estereotipada nos anais do Espiritismo mato-grossense uma história de beleza lírica ímpar tal a profunda expressão de simplicidade de que se reveste o peregrino da terra do Pantanal.

Para ele, que foi um declarado admirador dos crisântemos, manifestamos nessas palavras nossa emoção de poder ofertar os dúcidos perfumes dessa

flor que o felicita, na forma de um livro de apagado valor literário, mas, com certeza, uma obra feita nos arroubos singulares de um amigo e irmão reconhecido de sempre.

Aristotelino Alves Praeiro, enquanto encarnado, nos bem vividos 90 anos em que esteve atuante no plano físico, exerceu a liderança do movimento espírita, ao lado de trabalhadores igualmente valorosos, mas reconhecedores do seu carisma e de sua elevada missão de fazer florescer, nas terras do Mato Grosso, o Espiritismo oferecemos nosso trabalho de pesquisa. Praeiro que esteve na Presidência da Federação Espírita do Estado desde a sua fundação em 1955 até a sua desencarnação em 19 de maio de 1993.



Aristotelino A. Praeiro em 1983

Foi um soldado de Jesus, um protagonista do Cristianismo Redivivo no Brasil. Fez parte do projeto da história do “Coração do mundo, Pátria do Evangelho”.

As pesquisas que realizamos nos induziu a mais cristalina certeza histórica, a Doutrina Codificada por Allan Kardec chegou ao Brasil através dos militares, fundamentalmente através da Marinha.

Recordemos que o marechal Deodoro levantou a espada na simbólica consagração da Proclamação da República, tendo como ideal as propostas positivistas do francês Augusto Conte. Era adequada, portanto, que os militares republicanos fossem participar de cursos na terra de Kardec, onde inequivocamente tiveram acesso às publicações espíritas. Nesse contexto, ressalte-se de que foi o Dr. Joaquim Carlos Travassos (Fortúnio), militar do Exército, quem primeiro traduziu as primeiras Obras Espíritas para o Português, com exceção de A Gênese. Depois disso, é de bom alvitre recordar-se de que o tenente Travassos e o tenente Bezerra de Menezes eram do Exército Brasileiro e grandes amigos. O então Dr. Bezerra de Menezes tornou-se espírita após ter lido O Livro dos Espíritos que lhe foi presenteado por esse companheiro de caserna de outrora.

Cabe ressaltar ainda que o Dr. Bezerra de Menezes foi o fundador do embrião da Federação Espírita Brasileira cujo primeiro presidente foi o Major engenheiro Francisco Raimundo Ewerton Quadros e o sargento da milícia baiana José Olímpio Teles de Menezes (fundou o primeiro centro e o primeiro jornal espírita no Brasil). Além desses baluartes, muitos outros militares fizeram, e alguns ainda fazem anonimamente das suas vidas verdadeiros sacerdócios em prol da divulgação e prática do Espiritismo. Neste

livro consignamos outros magníficos militares no trabalho espírita, são eles, o General Duque Estrada, o Tenente Coronel Antônio Vianna de Carvalho, Capitão Pedro Ponce, Coronel Duílio Lena Berni, Coronel Pedro Eugênio Pires, Tenente Antônio Benedito da Costa Leite, Tenente Edu Xavier, Major Meller, Capitão Felipe Jorge, o nosso peregrino Tenente Aristotelino Alves Praeiro.

Como percebemos no livro, era muito complexa a divulgação espírita nos primórdios do movimento doutrinário, porque os adversários percebiam as verdades doutrinárias como coisa do demônio. No Brasil, por muitas vezes, a força policial reprimia e perseguia e até prendia os adeptos da Doutrina dos Espíritos. Certa vez escutei a seguinte sentença: "O Cristianismo na trajetória de Cafarnaum às terras pantaneiras, principia com o excelso Crucificado escoltado pelo Centurião de Cafarnaum e culmina com as peregrinações do tenente Aristotelino Alves Praeiro, nas terras de Mato Grosso, mormente em Cuiabá, abrigo do Centro Geodésico da América do Sul.

Jorge Hessen

Autor

XXVI

- Revista Reformador noticia a sua desencarnação

SEAREIROS QUE RETORNARAM À PÁTRIA ESPIRITAL

DESENCARNA ARISTOTELINO PRAEIRO, PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ESPIRITA DO ESTADO DE MATO GROSSO

Desencarneou, em Curitiba, no dia 18 de maio de 1993, aos 90 anos de idade, o seareiro Aristotelino Alves Praeiro, Presidente da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso, de quem fomos dos fundadores, em 1988.

Esplêida desde 1928, Aristotelino Praeiro é, com justiça, considerado um dos pioneiros do Espiritismo tanto em Mato Grosso como em Mato Grosso do Sul, tendo em vista sua atuação no Movimento Espírita em data anterior à criação do Estado. Mesmo antes da criação do órgão federativo estadual, fundou inúmeras casas espíritas em diversas partes do antigo Mato Grosso, bem como relações para a expansão de nossas tarefas, tarefa que até hoje passamos graças à sua condição de líder, o que lhe possibilitava diversas possibilidades de uma atuação para além.

Segundo seu próprio relato, em sua vida pessoal há alguns anos, e primeira atuação espírita que dirigiu aconteceu em Campo Grande, hoje Capital de Mato Grosso do Sul, em 1933. Nesse mesmo ano retornou a Curitiba, onde, na residência de seu sogro, organizou um grupo de estudos espíritas e passou a levar as crianças da família e da vizinhança, dando início ao trabalho de evangelização infantil em Mato Grosso. Além de presidente da Federação, que sempre integrou a sua vida, foram outras atividades importantes: Deputado Estadual, Diretor de Ensino Espírita, Diretor de Cárceres, e Diretor Espírita, Associação de Menores de Curitiba, o Centro Espírita de Itaquaquecetuba e o Centro Espírita de Curitiba.

Durante as primeiras décadas de sua vida como espírita, atuando em cidades de forte tradição católica, foi vítima de todo tipo de discriminação e até mesmo de perseguições. Contudo, em todas as ocasiões, soube superar os desafios de intolerância religiosa, visando-se pela evangelização, não só na esfera material, mas



Aristotelino Alves Praeiro, quando filiado ao Conselho CEPE de Curitiba/1991

em atividades de serviço social. Outras tarefas foram assegurar o bem-estar da família, como militar comunista e como missionário alfabetizador, e a criação da Doutrina junto à sociedade mato-grossense não capta em razão da dor e tribulação de sua vida pessoal. Da gestão de solidariedade de que foi alvo por parte dessa mesma sociedade durante a infância em que esteve acamado e as manifestações gentis de pesar por ocasião do seu falecimento demonstram a consideração e o respeito que merecia de quem o conhecia. Toda a imprensa local noticiou com destaque a sua desencarnação, historicando os serviços prestados a Mato Grosso como militante, como professor de educação física, como espírita e como Diretor do Departamento de Promoção Social do Prefeitura Municipal de Curitiba.

Neste cargo, Aristotelino Praeiro levou a termo intensa trabalho para o aperfeiçoamento da infraestrutura das instituições de Curitiba. Estudando as necessidades à realização de atividades associativas de auxílio mútuo com o objetivo de melhorar a vida comunitária, implementou várias organizações, organizou horas comunitárias, incentivou a prática de esportes e a construção de escolas, lares, centros comunitários e centros

recreativos. Ainda como diretor de Promoção Social do Município, coordenou a implantação de todo um bairro em área com 172 lotes de 12x30m², doado por um associado para beneficiar famílias em risco. Promoveu a implantação dos jardins de poças para os recém-nascidos, bem como providenciou a infraestrutura, como rede de água, esgoto e centro comunitário. Nesse bairro, que recebeu o seu nome — Praeiro —, foram reassardos, por sua iniciativa, dois lotes para a construção de um Centro Espírita — a Casa Espírita, José Antônio dos Reis.

Apesar de, na sua simplicidade, nunca ter buscado posições no mundo, Aristotelino Alves Praeiro recebeu várias condecorações, como a Medalha de Facilitador — Duque de Caxias —, pelo Espírito, e Medalha de Passador de Prato — Heróis do Mérito, concedido pelo Câmara Municipal de Curitiba e, mais recentemente, em março deste ano, foi agraciado com a Comenda de Ordem do Mérito do Estado de Mato Grosso. No dia do seu falecimento, o Governo de Mato Grosso decretou luto oficial em todo o Estado.

BREVES DADOS BIográficos

Aristotelino Alves Praeiro nasceu em Curitiba, no dia 18 de maio 1903/04 de Manoel Alves Praeiro e Joaze Vasconcelos Praeiro. Órfão de pai aos 7 anos e de mãe aos 8, teve infância difícil sem o auxílio materno e passou a presteza de lutar para poder estudar e se manter. Realizou os primeiros estudos em Santo Antônio do Luvenger e, mais tarde, em Curitiba. Seus primeiros empregos foram como professor primário e contador. Em 1932, ingressou no Exército, tendo feito baixa em 1933. Em 1932, foi convidado a atuar na Escola de Educação Física no Rio de Janeiro, com o objetivo de ser aperfeiçoado como instrutor militar, que era a sua especialidade. Casou-se em 1929 com a Sra. Adelaide de Mattos, com quem teve uma filha. Viveu em 1932, realizou o casamento, como mencionado, com uma irmã de primeira esposa, D^{ca} Fátima de Mattos, com quem teve mais filhos. Além da esposa, Praeiro tinha, ao desencarnear, 1 filha, 20 netos e 45 bisnetos (Texto fornecido pela Diocese do PEEMT). *



Fachada do prédio da Federação Espírita Brasileira em Brasília

XXVII

- Sob a caridade do Além (psicografia)

Mensagem psicografada pelo médium Wagner Gomes da Paixão, publicado no livro "O Evangelho Redivivo" (Belo Horizonte, União Espírita Mineira, 2000):

"Com que fim Espíritos sérios, junto de certas pessoas, parecem aceitar ideias e preconceitos que combatem junto de outras? - Cumpre nos façamos compreensíveis. Se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, necessário é lhe tiremos essa convicção, mas pouco a pouco. Por isso é que muitas vezes nos servimos de seus termos e aparentamos abundar nas suas ideias: é para que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco.

"Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos. Esse o melhor meio de não se ser ouvido. Por essa razão é que os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião dos que os ouvem: é para trazê-los pouco a pouco à verdade. Apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo farás, se fores um orador mais ou menos hábil. Daí o não falarem a um chinês, ou a um maometano, como falarão a um francês, ou a um cristão. E que têm a certeza de que seriam repelidos.

“Não se deve tomar como contradição o que muitas vezes não é senão parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus. Desempenham-na dentro das condições que julgam convenientes ao bem dos que lhes recebem as comunicações.” Fonte: Terceira questão do item 301, capítulo XXVII, O Livro dos Médiuns, Allan Kardec)

“Compreendo o princípio que entre nossa comunidade espírita se firmou, de que ‘a natureza não dá saltos’, podemos aquilatar um pouco do valor de nossa Doutrina, que progressivamente nos prepara as almas para as profundas e grandiosas Revelações Divinas.

Na Terra, os anos, em somando experiências lúcidas, costumam promover a desagregação de princípios e sentimentos enquistados em nós, fruto de acanhamento evolutivo, quando pela ignorância geradora dos preconceitos, firmamo-nos em terreno obscuro e ilusório para sofrer, conseqüentemente, os golpes da nossa tacanhez espiritual. Todavia, se no mundo, sob a custódia do tempo, isso se dá, vagarosamente, na Escola Espírita, onde a verdade se insinua, coerente e misericordiosa, podemos, se realmente interessados, acelerar esse processo de despertamento e iluminação, a benefício de nossa paz e de nosso progresso para novos e promissores campos de realização interior.

É assim, sob a dinâmica dessas forças libertadoras, que se nos revelam, passo a passo, pelo estudo e pela vivência dos princípios dele extraídos –

sim! Pois o estudo, em nível intelectual, informativo, se nos afigura como sendo a proposta, a ser avaliada, questionada, dissecada pela razão; e a aplicação e a vivência, para nós representa a adesão consciente, promotora da ascensão interior aos planos que se nos apresentam pelas circunstâncias – que estaremos bem, fortalecidos pela jornada infinita.

Todo esse movimento é apanágio de nossos Círculos de Doutrina, a fomentarem consciência e elevação para qualificação da existência que nos seja própria, onde for.

A desencarnação, operando mudanças substanciais em nossa alma, ao desviá-la do corpo de carne, intensifica-nos o potencial de percepção de modo indescritível. Questões ainda incertas e obscuras, notadamente as de cunho íntimo, são desveladas quase que de pronto à nossa apreciação, recordando-nos a distância de proporções entre a visão comum e o microscópio eletrônico de grande precisão para o universo dos infinitesimais.

A Doutrina, que revive Jesus entre os homens, é aquela Claridade Solar que delicadamente vem rasgando os véus densos e negros de nossa indigência, revelando-se mais poderosa e mais intensa à medida do tempo interior que nos define preparação e amadurecimento. Não é por outro motivo que entre nós, na Terra, há discrepâncias e idiossincrasias no que se refere aos Princípios que estudamos e abraçamos.

A verdade, contudo, será sempre aquela da caridade do Senhor e de seus mensageiros para conosco, respeitando-nos o livre-arbítrio e a limitação

da sensibilidade, do discernimento.

A herança do Evangelho – Legado sublime e insuperável que Jesus nos deixou – é riqueza imperecível para todos, indiscriminadamente. Com o auxílio das circunstâncias, a se renovarem pelo tempo, sob a sabedoria das Leis do Eterno, todos caminharemos para o aprisco do Consolador, apresentando a senha da simplicidade rica de experimentos e o sentimento transbordante das virtudes filhas do amor.

Tenhamos misericórdia no trato com a obra regenerativa da Humanidade pelo Espiritismo. Somente o equilíbrio e a paciência podem retratar os grandes lances da sabedoria e do amor para incrementar a obra cristã sobre o sentimento humano.”
(Ditado pelo Espírito Aristotelino Praeiro)



Wagner Gomes da Paixão

XXVIII

- Curriculum de Praeiro

DADOS PESSOAIS:

Nome: Aristotelino Alves Praeiro

Filiação: Manoel Alves Praeiro e Joana Vasconcelos Praeiro

Naturalidade: Cuiabá/MT

Data de Nascimento: 01 de Maio de 1903

Data do falecimento: 29 de maio de 1993

Estado Civil: casado com Dona Flavina de Matos Praeiro

Endereço Residencial: Rua Gal. Luiz Pereira, nº 349 – B. Duque de Caxias

VIDA ESCOLAR

Primário: Concluído em 1914 – Cuiabá/MT.

Complementar: 1916, em Santo Antônio do Leverger

– Professor Primário na localidade de Guanandi, Município de Poconé, entre 1918 a 1920.

– Aperfeiçoamento da Língua Portuguesa com o Professor Cezário Neto, Inglês e Latim – com o Professor Ezequiel de Siqueira, ambos os Curso de Magistério.

– Possuidor de cursos de Geografia, História,

Geometria, Matemática e Português, entre 1922 a 1926.

O MILITAR

- Incorporou-se ao Exército Brasileiro, onde sentou Praça em 1° de Novembro de 1922 como voluntário.

- Participou da Revolução Paulista contra o General Isidoro Dias Lopes em 1924, onde se destacou nos combates recebendo elogios por Ato de Bravura.

- Em 1926, foi aprovado no Exame de Admissão para a Escola de Sargentos de Infantaria – ESA – no Rio de Janeiro, concluindo o curso em Dezembro de 1927, aprovado em 6° Lugar em uma turma de 39 alunos.

- Em 1927 serviu no 1° Batalhão de Caçadores em Petrópolis, Guarnição pertencente a 1ª Região Militar, na Graduação de 3° Sargento.

- Em 1930, possuidor do Curso de Infantaria, foi incluído no Quadro de Instrutores e nomeado Instrutor da Escola de Instrução Militar n° 175 do Liceu Cuiabano, por Ato do então Comandante da 9ª Região Militar.

- Em 1931, Graduado no Posto de 2° Sargento.

- Em 1932, matricula-se em Janeiro na Escola de Educação Física do Exército Rio de Janeiro – Praia Vermelha, já graduado a 1° Sargento.

- 1932, estoura a Revolução Constitucionalista de São Paulo sendo mandado servir no 3° Regimento de Infantaria já em Operação de Guerra – Assumindo o Comando da 5ª Seção de Metralhadora do Regimento,

Alvorado a 2° Tenente. Tendo combatido contra as Tropas Revolucionárias ao Comando do General Klinger de Itatiaia, até Lorena entre julho a outubro do mesmo ano, recebendo os mais calorosos Elogios por Ato de Bravura. Terminada a Guerra, prossegue o curso de Educação Física, tendo sido aprovado em 13° lugar em uma turma de 105 alunos.

- Em 1933 é designado pelo Comandante da 9ª Região Mili-tar para ministrar Educação Física no Colégio Dom Bosco, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e coordenador da Liga Esportiva da Cidade de Campo Grande-MT.

- No mesmo ano foi designado para ministrar Educação Física no Liceu Cuiabano, Liceu Salesiano, Escola Normal Pedro Celestino e Escola Barão de Melgaço, em Cuiabá - MT.

- Em 1936 foi designado instrutor da Escola de Instrução. Militar do Colégio Maria Leite e Professor de Educação Física do mesmo Colégio na cidade de Corumbá-MS.

- Retorna no mesmo ano a Cuiabá para reassumir suas funções de professor dos mesmos Colégios.

- Em janeiro de 1936, designado para organizar o Curso de Tiro de Guerra na cidade de Nioaque-MT.

- Através da Portaria Ministerial nº 44 de 15/02/1938 é nomeado para servir no Posto de Subtenente no 2° Batalhão de Fronteira na cidade de Cáceres-MT.

- Pelo Decreto-Lei nº 3.940, assinado em

Dezembro de 1950, é promovido ao Posto de 2º Tenente de Infantaria, onde no mesmo ano pede passagem para a Reserva Remunerada.

- Em 1950, a convite do Major Milton Mendes Gonçalves, foi servir na Comissão de Estradas e Rodagem nº 5 (Ministério do Exército) como Gestor da Comissão, permanecendo até janeiro de 1966.

MEDALHAS

- Medalha de Pacificador – Duque de Caxias.

- Medalha e Passadeira de Prata.

- Honra ao Mérito Concedido pela Câmara Municipal de Cuiabá.

PRÁTICA ESPÍRITA

- Em 1929, ingressa para a Doutrina Espírita, após ter assistido uma mensagem de Profunda Elevação Espiritual do então Patrono do Exército Brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva - “Duque de Caxias”.

- Em Dezembro de 1956, com apoio do Cel. R/1 Duílio Lena Berne, funda a Federação Espírita de Mato Grosso, onde então foi eleito Presidente, cujo cargo pertence até a presente data.

FUNÇÕES EXERCIDAS

- Em fevereiro de 1966 – Secretário de Obras e Viação, pública da Prefeitura Municipal de Várzea Grande na Gestão do então Prefeito Dr. Gabriel Júlio de Mattos Muller, permanecendo até o término do mandato.

- Em abril de 1969, foi nomeado para organizar o serviço de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Cuiabá, a convite do então Prefeito Dr. Frederico Carlos Soares de Campos.

- Em maio de 1970, é nomeado Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cuiabá, na Gestão do Prefeito Dr. Bento Machado Lobo.

- Em março de 1971, é nomeado para exercer o cargo de Diretor do Departamento de Organização de Comunidades da Prefeitura Municipal de Cuiabá, na Gestão do Prefeito Dr. José Villanova Torres.

- Em abril de 1975 é designado para exercer o cargo de Secretário-Executivo da FAMATO – Federação da Agricultura do Estado de Mato Grosso, permanecendo no cargo até 1982.

OUTRAS ATIVIDADES EXERCIDAS

- Membro do Conselho Fiscal da Cooperativa Mista dos Agropecuaristas da Amazônia Matogrossense – COMAPAN

- Membro da Comissão Fiscal da Companhia Telefônica Cuiabana, atual TELEMAT.

- Membro da Comissão Fiscal da Companhia.

- Membro da Com. Fiscal da Cia de Armazéns de silos do Estado de Mato Grosso – CASEMAT.

VIDA MAÇÔNICA:

- Iniciação na Acácia Cuiabana em 12 de outubro de 1956;

- Elevado ao Grau 2 em 09 de março de 1957;

- Exaltado em 06 de outubro de 1958;
- Elevado ao Grau 4 em 17 de outubro de 1963;
- Elevado ao Grau 9 em 25 de maio de 1964;
- Elevado ao Grau 18 em 06 de julho de 1967;
- Elevado ao Grau 19 em 07 de novembro de 1969;
- Elevado ao Grau 22 em 13 de junho de 1975;
- Elevado ao Grau 29 em 25 de junho de 1976;
- Elevado ao Grau 30 em 25 de junho de 1977;
- Elevado ao Grau 31 em 23 de maio de 1978;
- Elevado ao Grau 32 em 09 de dezembro de 1980;
- Elevado ao Grau 33 em 10 de agosto de 1982.

EXERCEU OS SEGUINTE CARGOS NA LOJA:

- Bibliotecário, Chanceler, 2° Diácono, Porta-Bandeira, Tesoureiro, Mestre de Cerimônia, Deputado. Atualmente Grande Secretário da Guarda dos Selos do Grande Oriente do Estado de Mato Grosso e Membro do Conselho do Grande Oriente.
- Declarado Emérito em 15 de agosto de 1983.

Fim